

Meu marido é um

ALCOÓLATRA

Damião Borges Marins



Meu marido é um alcoólatra

Damião Borges Marins

2015

Meu marido é um alcoólatra

Damião Borges Marins

Data da publicação: 26 de junho de 2015

CAPA: Giovanni de Toledo Viecili
REVISÃO: Vanderci de Andrade Aguilera
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430 Fone: 43-3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

M294m Marins, Damião Borges, 1949-.
Meu marido é um alcoólatra / Damião Borges
Marins; revisão de Vanderci de Andrade Aguilera;
capa Giovanni de Toledo Viecili. - Londrina, PR :
EVOC, 2015.

113 p.

1. Literatura espírita. 2. Espiritismo. 3. Alcoolis-
mo. 4. Álcool, vícios e virtudes I. Aguilera, Vanderci
de Andrade. II. Viecili, Giovanni de Toledo. III. Título

CDD 133.9
19.ed.

ÍNDICE

Explicação preliminar,	4
Agradecimentos,	6
Prefácio,	7
Notas autobiográficas,	12
Viciação alcoólica,	15
Meu marido é um alcoólatra,	21
Contribuição da doutrina espírita para o tratamento dos alcoólatras,	103
Apêndice,	109

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

De autoria de Damião Borges Marins, de Tupã (SP), a obra que ora publicamos é a segunda de uma série sobre alcoolismo do mesmo autor, da qual fazem parte o primeiro livro, *Alcoolismo, "Cura", através da conscientização*, e *Alcoolismo: as histórias que eles contam*, que será, igualmente, oportunamente publicado pela **EVOC – Editora Virtual O Consolador**.

Na presente obra, seu autor traz-nos uma história fictícia, mas fundamentada em dados reais observados no cotidiano, em que narra a saga de uma jovem (Regina) desde seus quinze anos, seu namoro, seu casamento e toda a sua trajetória com um marido alcoólatra. O livro mostra ainda a redenção dessa jovem senhora com a sua libertação, diante dos ensinamentos da Doutrina Espírita.

No prefácio, escrito pela médica Elaine O. C. Aldrovandi, esta assim se manifesta:

“Não concordo com o nome *alcoólatra* porque ele pressupõe que aquele que usa o

álcool o idolatra, pois alcoólatra significa idólatra do álcool. Não é o que se vê na prática. Melhor seria 'álcool – adicto', pois adicto quer dizer, em grego, escravo. O alcoolista é um escravo do álcool. Muitos tentam se livrar do vício, mas sucumbem a todas as tentativas. Um homem, ou uma mulher, que troca uma garrafa por uma família inteira, só pode ser um escravo, um servo subjugado ao seu senhor”.

A capa do livro foi gentilmente concebida e elaborada pelo artista plástico Giovani de Toledo Vicili, de Londrina (PR), a quem agradecemos.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a Deus em primeiro lugar, pela bênção que nos deu de poder escrever este livro.

- Agradeço aos meus amigos João Luiz Arantes e Cidinha da Syspan Informática; Devanir Arantes, da Editora Fênix e Luís Alexandre Boyago, pela força que me deram para que eu pudesse concluir esta obra.⁽¹⁾

- Finalmente, agradeço às professoras Sueli Seiscentos e Márcia Domingues Garcia Dias, que, gentilmente, revisaram este livro em sua primeira edição.

Damião Borges Marins

⁽¹⁾ O autor refere-se à edição impressa deste livro, ocorrida em 2008.

PREFÁCIO

Prezado leitor, quando o amigo e confrade espírita me pediu que lesse seu novo livro - *Meu marido é um alcoólatra* -, não imaginei que teria sob meus olhos uma história tão empolgante. Escrevo história, e não estória, porque tenho certeza de que se trata de um fato real, e não somente um conto ou romance qualquer.

Conheci muitas "Reginas", tal como a personagem que narra sua história neste livro. Muitas mulheres perseverantes na luta para livrar seus esposos e, conseqüentemente, suas famílias, da droga lícita, mas não menos destruidora, que é o álcool.

Não concordo com o nome *alcoólatra* porque ele pressupõe que aquele que usa o álcool o idolatra, pois alcoólatra significa idólatra do álcool. Não é o que se vê na prática. Melhor seria "álcool – adicto", pois adicto quer dizer, em grego, escravo. O alcoolista é um escravo do álcool. Muitos tentam se livrar do vício, mas sucumbem a todas as tentativas. Um homem, ou uma mulher, que troca

uma garrafa por uma família inteira, só pode ser um escravo, um servo subjugado ao seu senhor.

Como médica, vi muitos sucumbirem sob o comando desse terrível senhor. Essa droga dilacera nervos e vasos sanguíneos, causando vasculites (inflamações nos vasos sanguíneos) e neurites (inflamações nos nervos). Vasos e nervos existem no corpo inteiro. Portanto, dilacera o organismo como um todo. Gera, entre outras coisas, lesões do sistema nervoso, causando convulsões, hemorragias cerebrais por aneurismas (dilatação da parede dos vasos, facilitando a sua ruptura), psicoses (loucura) ansiedade, depressão, entre outras. Ataca o sistema cardiovascular, levando à insuficiência cardíaca, hipertensão arterial, varizes, hemorroidas; lesa os tecidos do tubo digestivo facilitando o aparecimento dos cânceres da boca, língua, esôfago, estômago, intestinos. Gera úlcera gástrica e duodenal, gastrite, esofagite, hepatite, cirrose, aumento dos triglicerídeos, do ácido úrico (que predispõe à gota) e ataca o pâncreas, levando ao diabetes (insulino-dependente).

O álcool diminui a imunidade do organismo, fragiliza pele, cabelos, unhas, desnutre, enfim, mata lentamente o indivíduo. Mas, antes de levá-lo ao túmulo, dilacera o coração de todos os seus familiares.

São marcas que ficam, para sempre, gravadas nas lembranças dos familiares. Por isso este livro é muito importante para que as pessoas se conscientizem do sério problema social gerado pelo álcool, o tóxico livre.

Regina dá seu depoimento neste livro, através das mãos do confrade Damião.

Num estilo literário simples, acessível a todos os leitores, Damião nos faz entrar no mundo de Regina e Sara, familiares de Fabrício, nosso personagem alcoolista.

Regina é uma mulher forte, perseverante, corajosa, paciente, compreensiva, tolerante, mas, acima de tudo, uma mulher que ama profundamente seu esposo, de forma incondicional, assim como nos orientou o mestre Jesus.

Quantas Reginas e Saras há por esse mundo afora que escondem as dores, como se não fossem amargas, e ainda encontram forças para se transformar em mártires, rela-

tando, passo a passo, seus dolorosos calvários, a exemplo de muitos, para nos alertar quanto aos perigos do alcoolismo. A maioria não sabe que o inimigo está dentro de casa; que frequenta, inocentemente, nossas festas de aniversários, confraternizações sociais, festas matrimoniais, e tantas outras ocasiões sociais, como quem não quer nada mais do que, além de nos divertir, relaxar, desinibir, alegrar. E, aos poucos, ele vai se impregnando em nossas vidas, a ponto de nada ter a mesma graça sem ele. Com o tempo nossa relação com o inimigo se torna cada vez mais íntima e necessária.

Ficamos indiferentes às lágrimas de esposos e filhos. Nem notamos mais a angústia em seus olhos e o medo que os assalta cada vez que chegamos em casa acompanhados pelo álcool.

Em vão nos pedem para deixar de lado essa má companhia que nos fascina, nos cega, nos embriaga. E aí vai um alerta. Quando seus familiares começarem a implicar com o modo como você bebe e você disser "eu não sou um alcoólatra, paro quando quiser", é sinal de que você está no caminho

da escravidão total e absoluta e que o seu senhor está acondicionado dentro de uma garrafa ou barril qualquer.

Parabenizo Damião por este livro e faço votos de que ele seja um sucesso.

Às famílias que lerem esse livro, e que se identificarem com ele, um abraço fraterno e o desejo de que, mesmo que não consigam vencer, nunca desistam de lutar por quem vocês amam.⁽¹⁾

Elaine O. C. Aldrovandi

Janeiro/2008

⁽¹⁾ O prefácio acima foi escrito quando da primeira edição impressa deste livro, no ano de 2008.

NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS

Nasci em uma pequena cidade do interior paulista, conhecida como Lucélia, em 1949. Tive a bênção de Deus de nascer em um lar espírita e cresci frequentando as aulas de moral cristã.

Quando jovem, já morando em Tupã (SP), apaixonado por música, nos idos de 1965, junto com amigos, formamos uma pequena banda, que recebeu o nome de "Excels", na qual permaneci até 1968.

Em 1969, servi o Tiro de Guerra. Em 1970, já de posse de minha carteira de reservista, fui para a Grande São Paulo, precisamente para São Bernardo do Campo, como todo jovem daquela época fazia, tentar a minha vida profissional, mas, em nenhum momento, abandonei a Doutrina dos Espíritos.

Em São Bernardo do Campo, comecei minha vida profissional e, depois de alguns empregos, passei a trabalhar na Prefeitura Municipal, onde exerci, por dezessete anos, o cargo de Inspetor de Rendas Municipal.

Nesse espaço de tempo, cursava Administração de Empresas. Em 1973, casei-me com a jovem Stella e nesta união recebemos duas lindas filhas: Débora e Cristiane. Em 1984, tive a oportunidade de conhecer a casa espírita "CEOS", centro que considero uma Universidade Espírita, onde aprendi muito sobre a Doutrina. Foi nessa instituição que conheci o "DESAATT". Frequentei esse Grupo durante seis anos, quando retornei a Tupã, onde, com a graça de Deus, conseguimos fundar um grupo nos mesmos moldes do DESAATT de São Bernardo do Campo, o qual, por uma incrível coincidência, recebeu o nome de "DESAT", em que colaboramos por nove anos. Dessa experiência nasceu o livro *Alcoolismo, "Cura", através da conscientização*, cujos Direitos Autorais foram todos doados à AAPEHOSP. Escrevi mais dois livros: *Meu Marido é um Alcoólatra* e *Alcoolismo: as histórias que eles contam*.

Hoje me encontro com sessenta e seis anos de idade, e desses, vinte e cinco anos de serviços prestados à comunidade tupãense, no trabalho de libertação de nossos irmãos alcoólatras, como tarefeiro na

AAPEHOSP, com sede na Avenida Tabajaras, 575 – centro – Tupã (SP), onde contamos atualmente com mais três unidades: a Chácara Casa do Caminho Maria de Nazareth; o Condomínio Maria de Nazareth e outra chácara na Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros, próximo do KM 530 e da Polícia Rodoviária. Contamos hoje, no total, com 200 internos, entre alcoólatras, psicóticos, andarihos e famílias desamparadas.

Damião Borges Marins

VICIAÇÃO ALCOÓLICA

Joanna de Ângelis (Espírito)

Sob qualquer aspecto considerado, o vício – esse condicionamento pernicioso que se impõe como uma "segunda natureza" constritora e voraz – deve ser combatido sem tré-gua desde quando e onde se aloje.

Classificado pela leviandade de muitos de seus medos como de pequeno e grande porte, surge com feição de "hábito social" e se instala em currículo de longo tempo, que termina por deteriorar as reservas morais, anestesiando a razão e ressuscitando com vigor os instintos primevos de que se deve o homem libertar.

Insinuante, a princípio perturba os iniciantes e desperta nos mais fracos curiosa necessidade de repetição, na busca enganosa de prazeres ou emoções inusitados, conforme estridulam os aficionados que lhe padecem a irreversível dependência.

Aceito sob o acobertamento da impudica tolerância, seu contágio destrutivo supera o

das mais virulentas epidemias, ceifando maior número de vidas do que o câncer, a tuberculose, as enfermidades cardiovasculares adicionados... Inclusive, mesmo na estatística obituária dessas calamidades da saúde, podem-se encontrar como causas preponderantes ou predisponentes as matrizes de muitos vícios, que se tornaram aceitos e acatados qual motivo de relevo e distinção...

Os vitimados sistemáticos pela viciação escusam-se a abandoná-la, justificando que o seu é sempre um simples compromisso de fácil liberação em considerando outros de maior seriedade que, examinados, a sua vez, pelos seus sequazes, se caracterizam, igualmente, como insignificantes.

Há quem a relacione como de consequência secundária e de imediata potência aniquilante. Obviamente situam suas compressões como irrelevantes em face de "tantas coisas piores"... E argumentam: "antes este, como se um mal pudesse ter sopesado, avaliadas e discutidas as vantagens decorrentes da sua atuação"...

Indiscutivelmente, a ausência de impulsão viciosa no homem dá-lhe valor e recursos

para realizar e fruir os elevados objetivos da vida, que não podem ser devorados pela irrisão das vacuidades.

A vinculação alcoólica, por exemplo, escraviza a mente, desarmonizando-a, e envenena o corpo deteriorando-o. Tem início através do aperitivo inocente, tão dispensável, que se repete entre sorrisos e se impõe como necessidade, realizando a incursão nefasta, que logo se converte em dominação absoluta, desde que aumenta de volume na razão direta em que se consome.

Os pretextos surgem e se multiplicam para as libações: alegria, frustração, tristeza, esperança, revolta, mágoa, vingança, esquecimento... Para uns se converte em coragem, para outros em entusiasmo, invariavelmente, impondo-se, dominador incoercível. Emulação para práticas que a razão repulsa, o alcoolismo faz supor que sustenta os fracos, que tombam em tais urdiduras, quando, em verdade, mais os debilita e arruína.

Não fossem tão graves, por si sós, os danos sociais que dele decorrem - transformando cidadãos em párias, jovens em vergados anciãos precoces, profissionais de va-

lor em trapos morais, moçoilas e matronas em torpes simulacros humanos, aceitos e detestados, acatados e temidos nos sítios em que se pervertem, a caminho da total sujeição, que conduz, quando se dispõe de moedas, a Sanatórios distintos e em contrário, às sarjetas hediondas, em ambos os casos avassalados por alienações dantescas -, culmina em impor os trágicos autocídios, por cujas portas buscam, tais enfermos, soluções insolváveis para os problemas que criaram espontaneamente para si próprios... Não acontecendo à queda espetacular no suicídio, este se dá por processo indireto, graças à sobrecarga destrutiva que o alcoólatra ou simples cultivador da alcoolofilia depõe sobre a tecelagem de elaboração divina, que é o corpo. E quando vem a desencarnação, o que é também doloroso, não cessa a compulsão viciosa, em que o Espírito irresponsável constata que a morte não resolveu os problemas nem aniquilou a vida...

Nesse capítulo convém considerarmos que a desesperada busca ao álcool - ou substâncias outras que dilaceram a vontade, desagregam a personalidade, perturbam a

mente – pode ser, às vezes, inspirada por processos obsessivos, culminando sempre, porém, por obsessões infelizes, de consequências imprevisíveis.

A pretexto de comemorações, festas, decisões, não te comprometas com o vício. O oceano é feito de gotículas e as praias imensuráveis de grãos.

Liberta-te do conceito: "hoje só", quando impelido a comprometimento pernicioso e não te facultes: "apenas um pouquinho", porquanto, uma picada que injeta veneno letal, não obstante em pequena dose, produz a morte imediata, se está bafejado pela felicidade, sorve-a com lucidez. Se te encontrares visitado pela dor, enfrenta-a, abster-se e forte.

Para qualquer cometimento que exija decisão, coragem, equilíbrio, definição, valor, humildade, estoicismo, resignação, recorre à prece, mergulhando, na reflexão, o pensamento, e haurirás os recursos preciosos para a vitória em qualquer situação, sob qual seja o impositivo.

Nunca te permitas a assimilação do vício, na suposição de que dele te libertarás quan-

do queiras, pois que se os viciados pudessem querer não estariam sob essa violenta dominação.

(Do livro Após a Tempestade, psicografado por Divaldo Pereira Franco - Editora LEAL.)

MEU MARIDO É UM ALCOÓLATRA

I

Eram aqueles dias de setembro de 1965 os mais felizes da minha vida. Os Beatles estavam no auge do sucesso. Os Rolling Stones faziam frente aos Beatles, com suas músicas loucas. A jovem guarda, comandada por Roberto Carlos, mexia com muitos corações. O som de Renato e Seus Blue Caps era alucinante.

Eu estava completando 15 primaveras, mais precisamente no dia 15, dia este que coincidia com o grande baile das debutantes em minha Indaiá do Sul, pequena cidade do interior do estado de São Paulo. Meus pais eram de família tradicional da cidade - os Martins, e, para eles, era muito importante que a sociedade toda estivesse presente para verem o meu *debut*. Ah! Eu estava me esquecendo, meu nome é Regina e sou filha única.

Os preparativos eram grandes; experimentar o vestido todo branco, caprichar no

cabelo, maquiagem, tudo tinha que estar impecável. A semana que antecedia o grande baile foi uma loucura total. Eu estava muito ansiosa, nem conseguia dormir direito, só pensando na grande noite.

A hora tão esperada chegou e papai todo pomposo me colocou no banco traseiro do seu Ford Galaxy e junto com mamãe nos dirigimos à grande festa.

Lá chegando, fui encontrar a minha “patota”: Rosinha, Cristina e Lourdes, todas amigas inseparáveis. Depois de muitas fofocas e de colocarmos os assuntos em dia, eu e as demais debutantes fomos chamadas para uma antessala a fim de nos prepararmos para o início da grande noite. O Salão principal estava como num sonho: do teto saíam tiras enormes de papel crepom rosa alternadas por tiras azuis, formando no centro uma grande flor. As mesas estavam com toalhas rosa, combinando com as cadeiras e as tiras no teto. Foi quando Rosinha despertou-me e disse que a festa iria começar.

Nesse momento, o mestre de cerimônia convidou todas as debutantes para se dirigirem ao corredor que dava entrada ao grande

salão, para que nos preparássemos, pois o grande evento iniciaria. Depois de tudo pronto, o mestre de cerimônia começou a chamar os nomes das debutantes.

Ao ouvir o meu nome alto e em bom tom: “Senhorita Regina Martins”, um calafrio enorme tomou conta de meu corpo. Com passos firmes fui até o meio do salão, onde papai me esperava junto aos outros pares para a grande valsa, tão esperada pelas debutantes.

Foi naquela noite memorável que conheci Fabrício. O baile estava maravilhoso; lindos pares bailavam no salão ao som da Orquestra que tocava Ray Connif. Em dado momento, meus olhos cruzaram com os de um rapaz que estava do outro lado do salão. Notei que ele estava me olhando. De repente, ele se levantou e veio em minha direção. Era um rapaz elegante, bem vestido, olhos azuis, um “gato”. Vivia a plenitude de seus 18 anos. Todo formoso, convidou-me para dançar. Fiquei pensando naqueles fragmentos de segundos: — Será que é comigo que ele está falando? E ouvi novamente a pergunta: — A Senhorita quer dançar comigo? Foi então que

nossos olhares se entrelaçaram novamente e eu, quase que fascinada, me levantei e sai a bailar com ele.

A grande verdade é que dançamos o tempo todo e, a partir daquela noite, começamos a namorar.

II

Fabrcio Gomes era filho do Sr. Jo3o Gomes e D^a. Maria, fam3lia de classe m3dia, trabalhava no 3nico banco da cidade. Gostava de bebericar com seus amigos e, muitas vezes, chegava aos nossos encontros um pouco alterado em seu humor, em raz3o da bebida. Eu achava normal, pois todos bebiam e era natural que ele o fizesse. O tempo ia passando, j3a est3vamos com dois anos de namoro e comecei a perceber que a frequ3ncia com que Fabrcio chegava alcoolizado para namorar era maior. Mas como eu n3o conhecia a realidade do alcoolismo, achava aquilo coisa da juventude e que, quando n3s cas3ssemos, pararia de beber com aquela frequ3ncia.

Papai sempre foi muito severo comigo e, no decorrer desses anos de namoro, ele sempre vinha me alertando sobre o fato de Fabrcio beber muito. Mas estava cega de paix3o e n3o percebia nada.

Certa noite, t3nhamos combinado de ir ao cinema, pois estava passando o grande cl3s-

sico *Moisés*. Por volta das 19h, tomei meu banho e produzi-me toda para receber o "meu amado". O tempo passava e nada de Fabrício. Comecei a ficar impaciente. Eram 20h30min quando ele surgiu totalmente embriagado, querendo justificar seu atraso, dizendo que, ao sair do banco, foi tomar um aperitivo com seus colegas de trabalho e acabou se atrasando para o nosso encontro. Ele estava tão alcoolizado que nem conseguia parar em pé. Fiquei muito triste com o ocorrido, mas também furiosa, pois tinha perdido o filme que todos estavam esperando na cidade. Depois de tomar um café bem forte, que eu fiz, Fabrício foi embora cabisbaixo e envergonhado. No outro dia bem cedo, veio ter comigo e se desculpou pelo ocorrido, prometendo-me que aquele fato nunca mais se repetiria.

Alguns dias se passaram, tudo continuava como de costume e eu continuava estudando no colégio das irmãs, fazendo o curso Normal, correspondente, hoje, ao curso de Magistério enquanto Fabrício continuava trabalhando no banco.

Fabrício era muito ciumento e toda vez que ele ingeria bebida alcoólica ficava muito violento. Certo dia eu tinha ido à casa de Cristina para estudar para prova de matemática e Fabrício tinha ficado de me buscar às 18h30 min, para me acompanhar até minha casa. Quando ele chegou, notei que estava um pouco alterado pela bebida. Despedi-me de minha amiga e, no caminho de casa, começamos a discutir, pois o questioneei quanto à bebida. Foi nesse momento que Fabrício me deu um tapa no rosto e me disse que poderia ir para casa sozinha, pois ele não queria ninguém o perturbando; era maior de idade, bebera como sempre, “não tinha exagerado!”

Aquele dia foi muito triste para mim, chorei muito e não contei nada a ninguém. No outro dia, logo cedo, Fabrício veio me procurar, novamente me pedindo desculpas e dizendo que aquilo nunca mais iria acontecer. Como toda mulher que ama, confia, eu lhe dei mais uma oportunidade, achando que aquele fato não iria mais se repetir. Continuávamos nosso namoro, já tinha me formado e Fabrício continuava no banco.

No final do ano de 1972, Fabrício pediu-me em casamento, prometendo que tudo iria mudar, e que só viveria para nós dois. Levei ao conhecimento de meu pai a proposta de casamento de Fabrício e papai foi muito enfático, dizendo que ele não confiava muito nele, porque ele continuava a beber e isto poderia trazer muitos desgostos para mim. Eu disse ao meu pai, com muita convicção, que correria este risco, pois o amava muito e ele era o homem de minha vida.

III

No mês de maio de 1973 nos casamos, e eu estava muito confiante, acreditando que com o passar dos anos meu Fabrício pararia de beber. Nossa festa foi muito linda. Papai, naquela noite, nos presenteou com uma casa e nos deu uma viagem ao Nordeste. Tudo eram mil maravilhas e nesse período Fabrício parecia outro homem, quase não bebia e era muito atencioso em casa, comigo. O tempo passava e tudo transcorria normalmente.

Certo dia, fomos convidados para uma festa de aniversário na casa de um dos gerentes do banco, onde Fabrício trabalhava. Chegamos cedo e eu fui conversar com a dona da casa, assim como algumas amigas que estavam presentes. Meu marido ficou na edícula com seus amigos, onde estavam assando a carne que iria ser servida aos convidados.

A festa transcorria normalmente, muita alegria, muitos assuntos, até que, ao redor das 22 horas, algumas pessoas comentavam que um dos convidados da festa estava to-

talmente embriagado, fazendo gracinhas, sendo inconveniente com os presentes. Foi aí que me perguntei: — Será que é o meu marido?

E com muita tristeza, constatei ser ele. Fui lhe falar, e ele me destratou diante de todos os presentes. Começamos a discutir, e foi muito triste aquela situação. A festa acabou para nós. Um de nossos amigos procurou intervir e afastou Fabrício para o quintal procurando acalmá-lo. Fiquei muito envergonhada com o ocorrido e tive que aguentar aquela situação até o final da festa, pois Fabrício não queria ir embora de forma alguma, continuando a beber.

Eram altas horas e quase todos já haviam ido embora; somente, então, consegui convencer Fabrício a ir também.

Despedimo-nos dos presentes, pedi desculpas aos donos da casa pelo ocorrido e eles prontamente aceitaram, entendendo a situação.

Ao sairmos, solicitei de Fabrício as chaves do carro para que pudéssemos retornar a nossa casa. Ele se irritou muito e disse que não estava alcoolizado, que só bebia social-

mente e que estava em condições de dirigir o carro. Não tive alternativa a não ser dar a chave a ele. Como sempre fui religiosa, e de família católica, comecei a rezar para que nada nos acontecesse. E com a graça de Deus, conseguimos chegar em casa sãos e salvos.

Ao entrarmos, tentei dialogar com ele, foi quando começou a me agredir com palavrões e me esbofeteou, dizendo que não era um alcoólatra e que tinha total controle sobre a bebida, porque bebia por prazer. Machucada moral e fisicamente, corri para o nosso quarto, trancando-me, morrendo de medo de que ele conseguisse entrar e viesse me agredir novamente. Fabrício estava transtornado, esmurrava a porta com todas as suas forças, gritando, xingando e assim ficou por muito tempo até que o cansaço tomou conta dele, levando-o a adormecer no chão, em frente ao nosso quarto.

Na manhã seguinte, acordei bem cedo e, ao abrir a porta, deparei-me com meu marido ainda deitado no chão, totalmente sujo, pois ele tinha vomitado e feito suas necessidades ali mesmo, se molhando todo. Fiquei

muito triste com aquela cena, pois aquele não era o Fabrício que eu conheci. Aquele rapaz dócil, inteligente e respeitador. Foi quando ele acordou e tomou conhecimento de seu estado, muito envergonhado, começou a chorar. Vendo aquela cena, também comecei a chorar. Abraçamo-nos e ele, novamente, pediu-me perdão, ajoelhando-se aos meus pés, dizendo que nunca mais faria aquilo novamente.

IV

Passaram-se alguns meses do ocorrido e o nosso casamento parecia ir bem. Era primavera, eu fui ao meu ginecologista para fazer exames de rotina, quando recebi uma notícia fantástica: estava grávida. Muito feliz, não via a hora de chegar em casa para contar a Fabrício. Produzi-me toda e me pus a esperar o meu querido. Quando ele chegou, lhe contei a novidade e ele ficou muito feliz com a notícia. Fomos comemorar, jantando na única churrascaria da cidade. Foi uma noite memorável, Fabrício estava muito feliz, conversamos muito sobre o nosso futuro e o de nossos filhos, sim, filhos, pois Fabrício queria ter mais filhos. Naquela noite, no decorrer do jantar, tive muito medo de que Fabrício viesse a beber, mas ele tomou refrigerante, me acompanhando e tudo foi só felicidade.

No dia três de março de 1975, fui internada de madrugada na Santa Casa de Misericórdia de Indaiá do Sul, com as dores do parto. Sofri muito, pois a criança só veio a

nascer ao meio dia. Meu marido passou a madrugada e toda manhã esperando, muito nervoso, o nascimento de nosso primeiro filho. Ao meio dia, aproximadamente, o médico lhe chamou e disse:

— Fabrício, é uma linda menina.

Fabrício, muito emocionado, agradeceu ao médico e, com sua permissão, adentrou o quarto, me abraçou e queria ver nossa filhinha, que logo foi trazida à sua presença pela enfermeira. Ficamos muito tempo, eu e Fabrício, venerando a nossa pequena Sara. — foi o nome que demos a ela. Logo depois, a enfermeira veio buscá-la para levar ao berçário. Fabrício, então, deu-me um beijo e disse-me que iria à casa de seus pais, comunicar o nascimento de nossa filha e passaria no banco, para também avisar seus colegas.

Papai e mamãe logo chegaram para nos visitar. Era só alegria. Da janela do quarto dava para ver o sol se pondo naquele dia de pura felicidade.

À noite Fabrício voltou ao hospital com flores, charutos para distribuir aos médicos e aos funcionários. Notei que ele estava um pouco "alto", ou seja, estava meio embriaga-

do, mas como era uma noite especial, pensei que era só para comemorar aquele momento. Depois de muito tagarelar, já cansado, se deitou na cama reservada aos acompanhantes e dormiu a noite toda.

No dia seguinte, tive alta do hospital e fomos para nossa casa. Os dias transcorriam felizes, a não ser pelo fato de notar que Fabrício tinha voltado a beber, pois todos os dias, com raríssimas exceções, chegava em casa alcoolizado e meu martírio recomeçava. Era discussão atrás de discussão. Ele não tinha paciência com a nossa Sara, irritava-se com o seu choro; só ia dormir depois de muita reclamação. Passei noites e noites em claro, pois ficava com muito medo de ele acordar e vir a agredir nossa filha.

O tempo passou e chegou o dia do primeiro aniversário de nossa querida filhinha. Eu estava num dilema muito grande: Faria a festa ou não? Eu temia que Fabrício pudesse estragá-la.

Naquele dia, esperei meu marido chegar do banco e aproveitei o fato de ele não ter bebido muito e lhe perguntei o que achava de fazermos uma festinha só para os nossos

familiares. Argumentei, ainda, que convidaríamos as minhas amigas e os funcionários do banco.

Fabrizio concordou, pois gostava muito de nossa filha. Eu tinha dois maridos em casa: um – bom, responsável, trabalhador; e outro – violento, nervoso, inquieto, quando bebia. Mas eu continuava a amá-lo e tinha esperança de que um dia tudo isso acabaria e ainda seríamos muito felizes.

Liguei para nossos familiares e minhas inseparáveis amigas, assim como Fabrizio convidou alguns funcionários mais chegados do banco, marcando para as 19h30min, a festinha tão esperada. Encomendei alguns salgadinhos, refrigerantes e mandei fazer um bolo todo enfeitado, que ficou muito lindo. Fabrizio, como eu temia, encomendou duas caixas de cervejas.

No horário, os convidados começaram a chegar. Cada um trazia uma lembrancinha para a aniversariante. Era só alegria. Papai e mamãe não se cabiam de tanta felicidade, pois sua netinha estava completando o seu primeiro aninho.

Meus sogros também compartilhavam de nossa felicidade. Minhas amigas: Lourdes, Cristina e Rosinha ajudavam-me a servir os quitutes e refrigerantes aos convidados. Ao redor das 21 horas, chamei todos os presentes para que viessem cortar o bolo e cantar o *Parabéns pra você*, tão tradicional em todo o mundo. Todos se acercaram à mesa e íamos começar a cantar, quando Fabrício adentrou o local, visivelmente embriagado, fazendo gracinhas inoportunas, falando coisas ridículas, perturbando totalmente o ambiente. Para que as coisas não se complicassem mais, meu pai, discretamente, o retirou do ambiente, com a desculpa de que precisava lhe falar urgentemente. Eu não sabia o que fazer, envergonhada pelo ocorrido. Todos os presentes notaram a situação, mas, como eram educados, disfarçaram, começando a cantar o *Parabéns pra você*.

Lourdes veio em meu socorro, levando-me para o meu quarto, pois eu estava muito abatida e nervosa. Tentando me acalmar, serviu-me um copo com água e açúcar, me dizendo:

— Querida Regina, eu preciso lhe falar. Está acontecendo uma coisa muito grave com seu marido. Todas as pessoas de nosso convívio estão percebendo que ele é um alcoólatra, você também sabe. Ele sabe, mas não admite. Aí está o grande problema.

Neste momento interrompi Lourdes dizendo:

— Mas alcoólatras não são aqueles que ficam caídos na rua, nas calçadas? Os andari-lhos?

Lourdes respondeu:

— Não, minha querida, alcoólatras são aqueles que têm compulsão pelo consumo de álcool. Fabrício é um destes e precisa de tratamento.

Conversamos bastante e Lourdes conseguiu passar alguns conceitos novos que eu desconhecia sobre o alcoolismo. Bem mais calma, voltamos para o ambiente de nossa festinha e a situação já estava sob controle ou contornada, pois papai conseguiu convencer Fabrício a se comportar. Corri ao encontro de minha querida filha e a abracei com muita força contra o meu peito. A essa altura já era tarde e alguns convidados estavam

indo embora. Fui me despedindo de cada um, pedindo desculpas pelo ocorrido com meu marido. Todos foram unânimes em compreender a situação, muitos me abraçaram e me confortaram. Os últimos a irem embora foram os meus pais e os meus sogros, que concordaram que Fabrício precisava de ajuda.

Depois de ter arrumado todas as coisas e pôr Sara para dormir, notei a falta de Fabrício. Fui procurá-lo pela casa e ele estava deitado no sofá, dormindo, melhor dizendo desmaiado. Com muita pena de meu marido, peguei uma manta e o cobri, depois sentei no sofá à sua frente e, olhando para ele, comecei a chorar, lembrando os nossos momentos felizes. Lembrei-me também das palavras de minha amiga Lourdes, dizendo que ele era um alcoólatra. Lembrei-me do início de nosso casamento, quando eu achava que ele, com o tempo, deixaria de beber, pois ainda era muito jovem e era coisa da juventude. E assim pensando, acabei adormecendo no sofá, acordando de madrugada morrendo de frio. Verifiquei que Fabrício ainda dormia.

Arrumei a manta sobre ele e fui para meu quarto dormir, tendo tomado uma decisão muito importante. Eu jamais iria desistir de meu marido e iria fazer tudo para ajudá-lo.

Na manhã seguinte, o filme se repetiu novamente com Fabrício vindo bater à porta de nosso quarto, pedindo perdão pelo que tinha feito. Aproveitei a oportunidade e passei a lhe explicar que ele estava muito doente, pois tinha problemas com o álcool e que precisava de tratamento. Ele, imediatamente, começou a se defender, dizendo que não era alcoólatra, que as pessoas estavam exagerando sobre o seu modo de beber. Disse, também, que bebia com seu dinheiro e que ninguém tinha nada com isso. Como já tinha visto estas cenas em outras oportunidades, compreendi que nosso diálogo não ia levar a nada, deixei que ele colocasse tudo para fora e me calei.

Depois que falou tudo o que queria, se retirou do nosso quarto, batendo a porta e saindo de casa. Fiquei preocupada com ele e logo depois liguei ao banco para saber se ele tinha ido trabalhar e uma funcionária, de

minha confiança, confirmou-me que ele estava trabalhando.

V

Passados alguns meses, nossa vida continuava no mesmo ritmo, ou seja, todos os dias, com raríssimas exceções, Fabrício chegava em casa alcoolizado e eu procurava não discutir com ele para que as coisas não se complicassem mais. Normalmente, à tarde, antes que ele chegasse, eu pegava nossa filha e a deixava na casa de meus pais, que vinham me ajudando muito, pois sabiam do meu drama.

Papai já tinha me dito que, quando quisesse voltar para casa, as portas estariam abertas. Naquela noite, ao chegar, meu marido estava diferente, pois sempre perguntava pela nossa filha, coisa que não ocorreu. Ele estava muito quieto. Perguntei-lhe o que havia acontecido e respondeu-me, muito nervoso, que havia sido demitido do banco. Aquela notícia caiu em cima de mim como uma bomba. Procurei uma cadeira e me sentei, desnorteada. O que seria de nossa vida, a partir daquele momento? Fabrício balbuciou algumas palavras e, gesticulando muito, saiu

batendo a porta da sala com toda força. Comecei a pensar em como íamos viver, pois, embora meus pais tivessem algumas posses, nós nunca dependemos deles. Fabrício não admitiria nem cogitar isso, pois era muito orgulhoso.

A partir daquele dia, tudo desmoronou em meu lar. Fabrício não conseguia outro emprego, pois sua fama de alcoólatra corria por toda a cidade. O seu consumo de álcool se acentuava cada vez mais.

Todo dia era a mesma coisa: Ele saía cedo de casa dizendo que ia procurar emprego e voltava totalmente embriagado. Papai tentou ajudá-lo, fazendo alguns contatos com amigos, mas toda vez que Fabrício ia a uma entrevista, os contratantes não o aceitavam devido a sua condição. E ele ficava mais nervoso e bebia.

Certo dia, papai o chamou para que tivessem uma conversa, procurando alertá-lo do que vinha acontecendo, dizendo a ele que precisava se tratar. Mas em vez da conversa ser positiva, foi desastrosa, pois Fabrício acabou discutindo com papai e a situação piorou entre os dois.

Desesperada, preocupada com o rumo que as coisas estavam tomando, pedi socorro a minha amiga Lourdes, que, imediatamente, se prontificou a me atender. Marcamos nosso encontro para uma sexta-feira, à tarde, quando tomaríamos um chá e conversaríamos, aproveitando que meu marido nessa hora, normalmente, não estaria em casa.

Na hora marcada, minha amiga chegou. Recebi-a com um grande abraço e fomos para a cozinha, onde já havia preparado o nosso chá com torradas e, entre uma xícara de chá e outra, começamos a conversar. Foi aí que desabafei, contando coisas muito íntimas à minha amiga: como eu vinha sofrendo com as agressões de meu marido, física e moralmente. Contei a ela que, certo dia, ele chegou em casa totalmente embriagado e queria fazer sexo comigo. Foi muito difícil manter relações sexuais com um homem totalmente embriagado, sujo e fétido. Mas, para que a situação não complicasse mais, consenti. Só Deus sabe o que passei.

Aproveitando aquele momento de desabafo, continuei:

— Nossa filha estava crescendo com medo do pai, pois todas as noites, era a mesma coisa: ele chegava em casa e discutia comigo. Era a comida sem sal, o café sem açúcar, se Sara fizesse qualquer coisa, ele já queria bater na menina. Eu sempre procurava contornar a situação. Ora levando-a para casa de meus pais, ora escondendo-a no quarto, dizendo a ele que ela estava dormindo.

Certa noite, chegou em casa embriagado como sempre, fui tentar dialogar com ele, dizendo que precisava se tratar, no entanto, meu marido começou a me agredir com palavras, dizendo que, quando ele não estava em casa, eu o traía com outros homens. Fiquei muito humilhada e triste com suas acusações, pois nunca tive olhos para outros homens. Embora tivesse uma vida difícil com ele, eu o amava muito. Precisei sair pelos fundos da casa, com minha filhinha, correndo para casa dos meus pais, que me acolheram muito bem, como sempre. Deixei-o sozinho, pois as coisas poderiam ter um fim trágico, tal era a situação de raiva e ódio que ele expressava naquela hora.

Lourdes pacientemente me ouvia com muita atenção. Carinhosamente falou-me:

— Querida Regina, você já ouvi falar em uma casa espírita, em nossa cidade, que trabalha com alcoólatras?

Eu respondi que não.

Lourdes, então, começou a me explicar que nesta casa espírita, que se chama Francisco Cândido Xavier, existe um grupo de apoio aos alcoólatras intitulado DESA – Departamento de Socorro aos Alcoólatras. Este grupo se dedica à recuperação de pessoas que têm problemas com alcoolismo. Foi quando perguntei:

— Não são nestas casas que baixam Espíritos?

— Não é bem assim, minha querida. Trata-se de uma reunião de apoio, onde os tarefeiros da casa trazem informações, esclarecimentos e orientações às pessoas que são dependentes do álcool. E oferecem, ainda, como complementação, a chamada fluidoterapia.

— Mas o que é fluidoterapia?

— Segundo o que eu aprendi lá, trata-se de uma troca de energias fluídicas, de tal

forma que quem o recebe passa a se equilibrar física e espiritualmente, mais conhecido como Passe Espiritual. Você não gostaria de conhecer este trabalho? Eles acontecem todas as quintas-feiras, às 20 horas. Se você quiser, eu a levo lá e a apresento ao coordenador do grupo, o Senhor Humberto, pessoa boníssima e muito esclarecida. Tenho certeza de que muito a ajudará com o seu problema.

Como minha família era católica, fiquei meio receosa com o convite, mas disse que iria pensar. Acabamos de degustar nosso chá com torradas e minha amiga despediu-se, pois estava com medo de que Fabrício voltasse. Disse-me que aguardaria um contato, se eu resolvesse aceitar o seu convite.

VI

Lourdes saiu, fui correndo buscar Sara, que tinha deixado na casa dos meus pais. Assim que chegamos em casa, pedi a ela que fosse tomar seu banho e ficasse limpinha, pois seu pai já estava para chegar. Corri para fazer o jantar. Fiz um prato gostoso -bife acebolado com batatas fritas-, de que Fabrício gostava. Como ele não chegava, eu e minha filhinha fomos jantar. Já era tarde e nada do Fabrício chegar. Sara já havia ido dormir e eu estava na sala vendo televisão. Adormeci, pois não aguentei esperá-lo. Já de madrugada, acordei assustada, estavam batendo à porta. Ao abri-la, deparei-me com um policial dizendo-me que Fabrício tinha caído na rua e tinha sido levado para o hospital, pois ferira a cabeça.

Desesperada, liguei para os meus pais, contando o ocorrido e pedindo que mamãe viesse ficar com Sara, e que ligasse para o Sr. Gomes e D^a. Maria, pais de Fabrício, avisando-os do ocorrido, para que eu pudesse ir ao hospital. Papai e mamãe atenderam,

prontamente, ao meu pedido, vindo em meu socorro. Assim que eles chegaram, peguei algumas coisas de uso pessoal, uma blusa e saí apressada para o hospital.

Lá chegando, fui procurar o médico de plantão, e disse-me que não era nada grave, mas que Fabrício tinha chegado ao hospital com um teor alcoólico muito alto, quase em coma. Disse, também, que ele sofrera um acidente, caindo na rua batendo violentamente a cabeça na calçada. Explicou-me, ainda, que meu marido teria que ficar em observação pelo menos por quarenta e oito horas.

Minhas pernas bambearam e quase desmaiei, sendo amparada pelo médico que imediatamente me socorreu, levando-me até uma antessala solicitando à enfermeira, que trouxesse um copo com água para que eu pudesse me refazer. Assim que melhorei, pedi ao médico autorização para ver o meu marido e ele mesmo levou-me até o quarto, onde Fabrício se encontrava. Ao entrar no quarto, levei um choque muito grande, pois ele estava com a cabeça toda enfaixada, to-

talmente imóvel, tomando soro, num sono profundo, se assim posso falar.

Fabício ficou dois dias internado e minha vida se resumia a ir ao hospital para vê-lo e cuidar de nossa Sara e da casa. Assim que teve alta do hospital, voltou para casa e as primeiras semanas foram tranquilas, pois estava mais calmo, não saía de casa. Chegava até a conversar longamente com nossa filha e comigo. Mas notei que, com o passar do tempo, ele ficava mais nervoso, não dormia direito, e assim foi. Até que certo dia, disse-me que iria sair, para procurar emprego.

À noitinha, eu e Sara já havíamos jantado e estávamos na sala vendo televisão, quando Fabício chegou. E foi com muita tristeza que constatei que ele estava alcoolizado. Já não era mais aquele homem calmo, dócil, mas sim o homem doente, violento, precisando de ajuda. Quando tomei coragem e pedi para que Sara fosse ao seu quarto, comecei a questioná-lo sobre por que continuava bebendo, se machucando moral e fisicamente. Falei a ele que eu e Sara o amávamos muito e ele novamente retrucou di-

zendo que não era alcoólatra e que só estava bebendo para esquecer os problemas. Pararia de beber quando quisesse. E, assim dizendo, deu um murro sobre a mesa, falando palavras, me ofendendo. Notando que a situação poderia se complicar ao ponto de me bater, como já havia feito em outras oportunidades, calei-me e deixei que ele colocasse tudo para fora. Como eu não reagi, acabou se cansando, foi para a cozinha e pegou o prato de comida que eu havia deixado na mesa, começou a comer. Depois de ter comido, coisa rara, pois quase não se alimentava quando alcoolizado, foi para sala, deitou-se no sofá e adormeceu.

Eu aproveitei este momento, peguei a Sara que estava em seu quarto, levei-a para o meu, foi quando ela me perguntou por que papai bebia tanto assim. Comovida com aquela situação, falei a ela que papai era doente e precisava de tratamento. Que papai não era ruim, mas precisava de ajuda. Depois de muito conversarmos, Sara adormeceu junto a mim em nossa cama.

Foi então que comecei a me lembrar da conversa que tive com Lourdes e resolvi, na

manhã seguinte, procurá-la para combinarmos minha ida àquela casa espírita. Eu tinha esperanças de encontrar lá a tão almejada ajuda para meu marido e, assim, neste estado de reflexão, acabei adormecendo.

No dia seguinte, acordei e, verificando que minha Sarinha continuava dormindo tranquilamente, levantei e fui olhar se Fabrício ainda estava dormindo. Ele já havia saído. Tomei meu banho, meu café, e depois que Sara acordou e tomou seu café, disse a ela que iria levá-la à casa da vovó, pois eu precisava sair.

Lá chegando, contei à mamãe o que vinha acontecendo e que minha amiga tinha me convidado para conhecer um grupo espírita que trabalhava na recuperação de alcoólatras. Falei que havia resolvido procurá-los, pois estava sofrendo muito. Afinal, Lourdes havia me dito que lá eu poderia encontrar ajuda para o nosso caso.

Mamãe, embora católica, já tinha ouvido falar desse grupo que já havia ajudado muitas famílias e concordou que eu o procurasse. Liguei para Lourdes e marcamos de irmos à reunião aquela noite mesmo. Assim sendo,

apressei-me a voltar para casa, com minha filha, pois Fabrício poderia voltar e eu queria estar lá.

Naquela tarde, fiquei muito apreensiva, pois tinha medo de que Fabrício não me deixasse sair, embora fosse falar a ele que iria à minha mãe com Sara. Quando foi lá pelas 19h e, como ele não havia chegado, peguei Sara e corri para casa de minha mãe, como combinara.

VII

Lourdes passou na casa de minha mãe para me pegar e, por volta das 19h45 minutos, estávamos chegando à casa espírita. Eu estava muito apreensiva, era a primeira vez que eu ia a uma reunião deste tipo. Ela me apresentou ao seu Humberto, coordenador da reunião, e ele, muito simpático, colocou-me bem à vontade, dizendo que a reunião já iria começar e que minhas dúvidas poderiam ser esclarecidas no final da reunião.

Comecei a observar o recinto e pude perceber que se tratava de um lugar bem simples, com uma mesa grande rodeada por cadeiras e uma toalha linda com detalhes em crochê, na cor azul clara.

Na plateia, onde estávamos sentadas, as cadeiras eram de madeira simples, dois quadros na parede: um de Jesus e outro de um senhor de aspecto sisudo e sério, que mais tarde fiquei sabendo tratar-se de Allan Kardec, o codificador da doutrina espírita. A reunião iniciou-se pontualmente às 20 horas.

O senhor Humberto, que já estava sentado à mesa, levantou-se e, saudando a todos, disse assim:

— Que a paz do nosso divino mestre Jesus esteja presente no coração de cada um de vocês. Todas as nossas reuniões se iniciam com uma prece e gostaria que todos me acompanhassem: — Deus, nosso pai, abençoei nossa reunião neste instante; que tudo que aqui se fale possa vir contribuir para ajudar nossos irmãos alcoólatras. Que os mentores espirituais, que de há muito aqui já estão, possam nos intuir, nos ajudar em nossa tarefa. Que assim seja.

E, continuando, disse:

— As pessoas que estão vindo a esta casa pela primeira vez são as pessoas mais importantes desta reunião. Somos um grupo de apoio espírita intitulado DESA – Departamento de Socorro aos Alcoólatras, que tem como objetivo maior levar a conscientização dos problemas do alcoolismo aos nossos irmãos que nos procuram. Nossa reunião se divide em três partes: a primeira parte é Evangélica, onde um de nossos tarefeiros faz uma pequena palestra, de no máximo vinte

minutos, trazendo um tema evangélico para nossa reflexão. A segunda parte é a Fluidoterapia, ou seja, a transfusão de energias, ou o passe, como é mais conhecido na casa espírita. É nesse momento que os amigos espirituais, médicos, enfermeiros, psicólogos, psiquiatras e familiares que já deixaram o seu veículo físico, vêm ao nosso encontro, ajudando-nos, física e espiritualmente, nos trazendo o equilíbrio tão necessário. E, finalmente, na terceira e última parte, temos a Terapia de Grupo, ou seja, a Espelhoterapia, como é conhecida em nossa casa. A Terapia de Grupo é como um espelho. Quando um assistido vem à frente para dar seu testemunho, outro se espelha em tudo que ele fala. Daí chamarmos a Terapia de Grupo também de Espelhoterapia.

Terminando sua fala, observou que a terapia de grupo é fundamental no tratamento do alcoólatra, pois é no grupo de apoio que ele começa a entender que é um alcoólatra, se espelhando em seus companheiros que têm os mesmos problemas, as mesmas ansiedades. Para encerrar, enalteceu a importância de a família participar dessas reuniões,

dando assim maior segurança ao irmão em tratamento.

Em seguida, ele convidou uma jovem senhora que também fazia parte da mesa, a senhora Ana, para que tomasse a palavra e desse início à reunião propriamente dita, trazendo-nos o evangelho, como havia anunciado anteriormente.

Ana, então, saudou a todos em nome de Jesus, e começou a falar sobre a parábola muito conhecida, a Parábola do bom Samaritano. Depois de discorrer sobre a parábola, com muita propriedade, conhecimento doutrinário e evangélico, despediu-se, deixando uma mensagem de paz e muita fé.

Dando prosseguimento à reunião, Humberto anunciou que, a partir daquele momento, seria aplicada a fluidoterapia – passe — aos presentes, ressaltando que não seria obrigatória. Explicou, ainda, que, durante a aplicação do passe, ele teceria alguns comentários sobre o problema do alcoolismo. Eu estava vidrada no que vinha acontecendo, não perdendo nenhuma palavra de Humberto que, naquele momento, iniciou a explanação do assunto que me levou àquela casa.

Dizia ele, com palavras firmes e esclarecedoras:

— Segundo a Organização Mundial de Saúde, o alcoolismo é uma doença de caráter progressivo e incurável. Algumas doenças são de caráter progressivo, e incurável e o alcoolismo não poderia fugir à regra. No mundo há dois grandes grupos de pessoas: as que podem beber e as que não podem beber. As do primeiro grupo, aquelas que podem beber, vão a uma festa, seja um casamento, um aniversário, qualquer festa e, ao chegar, cumprimentam os anfitriões e passam a se relacionar com os presentes normalmente. Um dos garçons passa pelo local servindo uma bandeja com copos de cerveja, ele, educadamente, pega um copo e começa a beber. De repente, vê um amigo, que está em outra mesa, deixa o seu copo onde estava e vai ao encontro dele, cumprimentá-lo. Enquanto estão conversando, passa outro garçom, naquela mesa, servindo refrigerante, ele esquece que estava bebendo cerveja e se serve de um copo de refrigerante. O ato de beber álcool não é compulsivo nele. Não tem dependência para com o

álcool, ou seja, se tiver bebida alcoólica, ele bebe, mas, se não tiver, ele nem sente falta. Os do segundo grupo são totalmente ao contrário. São os primeiros a chegar às festas e os últimos a sair. Não estão preocupados com os noivos, com a festa em si. São compulsivos para com o álcool e, enquanto há bebida alcoólica na festa, eles estão presentes, quase sempre dando vexames, se portando como os palhaços da festa.

Em certo momento da fala de Humberto, uma das tarefeiras da casa convidou-me para receber o passe. Meio receosa, olhei para Lourdes e ela me fez um sinal de aprovação e, então, fui conduzida a uma sala, onde havia algumas cadeiras colocadas próximas às paredes e, em frente delas, algumas pessoas oravam. Foi quando a tarefeira que coordenava os passes pediu-me que sentasse em uma das cadeiras.

A coordenadora falou algumas palavras de conforto e estímulo enquanto aquela pessoa que estava em frente à cadeira na qual eu estava sentada aproximou-se e, colocando a mão sobre a minha cabeça, também começou a orar baixinho, ficando assim por um

minuto mais ou menos. Assim que recebi o passe, a coordenadora, gentilmente, levou-me de volta ao meu lugar, junto com as demais pessoas, que também haviam recebido os passes. Naquele instante, Humberto estava terminando sua fala, dizendo que iriam passar para a terceira e última parte da reunião: a Terapia de grupo. Assim sendo, chamou o Senhor Rodolfo, que estava na plateia, para coordenar a Terapia.

O Senhor Rodolfo, humildemente, se dirigiu à mesa e saudando a todos, começou a falar:

— Eu sou um alcoólatra em recuperação. Frequento esta casa há 12 anos e foi aqui que aprendi que sou um alcoólatra em recuperação, que não posso ingerir o fatídico primeiro gole, pois, se assim o fizer, estarei caindo novamente no fundo do poço, ou seja, voltando a beber desenfreadamente. É aqui que eu busco minha sobriedade todas as quintas-feiras. Foi aqui que eu apreendi a falar: — Hoje eu não bebo, amanhã eu não sei. E assim dia a dia, repetindo esta fala, estou sem beber há 12 anos. Eu não nasci alcoólatra. Eu me tornei alcoólatra. Comecei

a beber muito cedo, junto aos meus amigos. Era nas festinhas de aniversário, nos bailes, nas lanchonetes. E quando me dei por mim, já havia me tornado um alcoólatra, mas eu não sabia o que era, pois achava que bebia socialmente como todos. Foi então que, há 12 anos, meu patrão me convidou para vir a esta casa bendita e, aqui chegando, tomei consciência de que era um doente alcoólatra, através das palavras sábias de nosso dirigente, o Sr. Humberto. Hoje, procuro não faltar um dia sequer às reuniões.

Assim falando, dirigiu-se aos presentes e perguntou se havia alguém que queria dar o seu depoimento. Como não houve nenhuma manifestação, o Sr. Rodolfo agradeceu a todos e passou a palavra ao senhor Humberto.

Retomando a palavra, teceu alguns elogios ao senhor Rodolfo pelos seus 12 anos de abstinência, pela sua determinação e coragem de vencer o alcoolismo. E tendo em vista que a hora já se fazia avançada, 21h20 minutos, ele agradeceu a presença de todos e proferiu uma prece maravilhosa encerrando a reunião.

Eu estava encantada com tudo que havia visto naquela noite, naquela casa. Pensava comigo como as pessoas fazem um julgamento errado do Espiritismo!

Em nenhum momento da reunião, vi ou ouvi alguma coisa que viesse contra os princípios do cristianismo e, conseqüentemente, de Jesus. Pelo contrário, principalmente os coordenadores do grupo e os tarefeiros só traziam mensagens de otimismo, fé e perseverança, se apoiando no evangelho de Jesus para ajudar as pessoas que àquela casa se dirigiam.

Sem falar que naquela noite eu tinha aprendido o significado da palavra alcoólatra, passando a entender que meu marido era um doente alcoólatra. Enquanto estava voltada para minhas reflexões, Lourdes cutucou-me, disse que o Senhor Humberto estava me chamando à frente do salão, onde se encontrava a mesa. Eu e Lourdes, prontamente, nos dirigimos até ele. Ele, com aquela simplicidade que lhe era peculiar, perguntou-me se havia gostado da reunião e se eu tinha alguma dúvida. Respondi-lhe que havia adorado

a reunião, fora muito fraterna e esclarecedora. Foi aí que perguntei:

— Como ajudar o meu marido, se ele não se acha um alcoólatra? Será muito difícil que ele aceite o convite para vir a esta casa.

O senhor Humberto nos respondeu, dizendo que o meu marido era um doente alcoólatra e que precisava de muito amor, carinho e respeito. O ideal era que ele passasse a frequentar as reuniões, mas sabe-se que é muito difícil o alcoólatra aceitar ajuda. Enquanto isto não acontecer, sugeriu-me que, se possível, eu passasse a frequentar aquela casa. Pois o Plano Maior estará fazendo um elo entre mim, meu marido, meu lar e minha filha. Iremos trabalhar em conjunto, disse-me. Eu, no meu lar, orando, fazendo o evangelho no lar, e eles, nesta casa bendita. Aguardemos o futuro. Quem sabe meu marido não toma consciência de sua doença e passe a frequentar esta casa, como outros já fizeram.

E assim dizendo, despediu-se de nós, reforçando o convite para que na próxima semana pudéssemos voltar à reunião. Como a hora já se fazia avançada, quase 22 horas,

nos apressamos para nossas casas, despedindo-nos de algumas pessoas que ali ainda estavam.

VIII

No trajeto de volta à casa de mamãe, eu e Lourdes conversamos muito sobre o ocorrido naquela noite e ela se prontificou a me ajudar na tarefa de recuperação do meu marido. Chegando à casa de mamãe, nos despedimos com um forte abraço fraterno e eu, mais que depressa, entrei na casa onde ela me aguardava assistindo a TV.

Mamãe me disse que Sarinha já estava dormindo e que estava tudo bem. Eu contei as novidades para ela, perguntei se Sara poderia dormir em sua casa naquela noite, e, mais que depressa, corri para casa, pois estava com medo que Fabrício já tivesse chegado.

Parece que as preces daquela casa em que eu estivera já me auxiliavam, pois Fabrício ainda não havia chegado. Tomei um banho e fui para o nosso quarto dormir. Antes de me deitar, me lembrei das palavras do Sr. Humberto quanto ao evangelho no lar e comecei a orar, pedindo a Deus e a Jesus que protegessem meu lar, principalmente o meu

marido, para que ele tomasse consciência de sua doença. Orei o *Pai nosso* e adormeci presa às minhas reflexões.

Já era madrugada quando Fabrício chegou e, como sempre, acabou adormecendo no sofá, pois, nestes últimos meses, raríssimas vezes ele dormia em nosso quarto. Fui até à sala e verifiquei que ele estava em sono profundo. Como estava tudo normal, voltei ao nosso quarto e adormeci novamente.

Os dias se sucediam e nossa vida continuava no mesmo ritmo. Fabrício, chegando alcoolizado em casa. Brigas, discussões e a rotina se mantinha com a única exceção de eu estar seguindo os ensinamentos do Senhor Humberto, qual seja, orando sempre, pedindo pelo meu marido e pelo equilíbrio do nosso lar.

Passei a frequentar o grupo do DESA quase todas as semanas, só faltando quando Fabrício estava em casa, para não despertar nele qualquer dúvida de que eu estava frequentando um grupo de apoio, não dando assim motivo para desavenças.

Numa das quintas-feiras que fui à reunião, o Senhor Humberto, com muita proprie-

dade, na hora de sua exposição, começou a falar:

— O alcoolismo, esta chaga da humanidade, está presente em quase todos os lares. A sociedade hipócrita combate as drogas. Fala-se muito em crack, cocaína, maconha, barbitúricos, mas se esquecem, ou camuflam, uma das drogas mais consumidas no mundo que é o **ÁLCOOL**. Pois é a droga lícita, barata, de livre acesso a todos. Já dissemos em outras oportunidades que o alcoolismo não tem cura, mas pode ser interrompido, controlado. Gostaríamos, nesta noite, de falar sobre as 05 regras básicas para deixar de beber:

1ª – Conscientização – somente por meio da conscientização a pessoa consegue deixar de beber. Estar consciente é entender que o álcool está lhe fazendo mal, está lhe tirando sua família, seu caráter, sua saúde.

2ª – Evitar o primeiro gole – Evitando o primeiro gole, a pessoa está consciente. A *conscientização* e o *evitar o primeiro gole* estão intrinsecamente ligados, pois, se estou consciente, eu estou evitando o primeiro go-

le. Se eu estou evitando o primeiro gole é porque estou consciente.

3ª – Mudanças de Hábitos – Todos os alcoólatras, com raríssimas exceções, fazem sempre tudo igual: o mesmo bar, a mesma rotina junto aos companheiros de copo, o mesmo rótulo, etc. A pessoa tem que dar uma guinada de 180° em sua vida, ou seja, mudar totalmente os seus hábitos. Leituras edificantes, afastar-se dos bares, procurar novas amizades, enfim mudança total, nova vida.

4ª – Frequentar um grupo de apoio – é de fundamental importância. Quantas vezes o alcoólatra deve frequentar o grupo de apoio? Eu respondo: sempre. É no grupo de apoio que nosso irmão toma consciência de tudo o que estamos falando. É no grupo de apoio que ele vai adquirir forças para enfrentar o seu alcoolismo, se espelhando em seus companheiros, tomando consciência de que é um alcoólatra.

E, finalmente, a 5ª – Religiosidade – O alcoólatra, se afasta de Deus, de Jesus, da religião. Ele só tem olhos para o álcool. É álcool de manhã, álcool à tarde, álcool à noi-

te. Ele perde o seu referencial, vivendo somente para o álcool. Daí a importância fundamental da religião, independentemente, de qual religião for. É por meio da religião que o alcoólatra começa a encontrar forças espirituais para vencer os seus vícios materiais e espirituais.

Assim falando, o senhor Humberto terminava sua exposição naquela noite inesquecível.

A mensagem contribuiu sobremaneira para que eu entendesse melhor a problemática do alcoolismo, dando-me forças para continuar a luta pelo meu marido.

Durante os meses em que frequentei o grupo, aprendi muito. O que me chamou atenção foram os depoimentos dos assistidos que ali frequentavam. Um que me marcou muito foi de um senhor com aproximadamente 50 anos que, ao ser chamado para dar seu depoimento, levantou-se da cadeira com muita dificuldade e, a passos lentos, foi até a tribuna. Com palavras que saíam do fundo do seu ser, começou a narrar:

— Meu nome é Sabino, Sabino dos Santos. Eu também sou um alcoólatra em recu-

peração. Eu não nasci alcoólatra, eu me tornei um. Comecei a beber muito jovem, pois morávamos numa propriedade rural, onde minha família trabalhava cuidando da lavoura. Éramos quatro irmãos. Desde bem jovem, comecei a beber com os meus irmãos. Tínhamos o hábito de, depois da lida, ir para uma venda, perto da propriedade em que morávamos e tomávamos nosso aperitivo. Foi ali que comecei a ter contato com a bebida alcoólica. Depois de alguns anos nos mudamos para a cidade. Aí que as coisas desandaram mesmo. Pois, como era difícil conseguir emprego, passei a frequentar os bares, bebendo cada vez mais. Isto dificultou o relacionamento com meus familiares. Resolvi sair de casa e passei a perambular pelas ruas. Fiz amizades, não muito dignas e fui me afundando no vício. Já não tinha mais identidade, pois vivia só para o álcool. Certa noite havia bebido tanto que acabei caindo na rua, e quebrei uma de minhas pernas, sendo internado num hospital da cidade. Como lá não me davam bebida, acabei fugindo do hospital e, pelo fato de minha perna ainda não ter se recuperado do traumatismo sofrido, acabou

ficando com defeito, como podem ver pela dificuldade que tenho de me locomover. De volta às ruas, me afundei no álcool novamente. Certo dia, estava deitado em um banco de uma das praças da cidade, quase em coma de tanto beber, quando fui socorrido por um grupo de pessoas que me internaram numa casa especializada para alcoólatras e de lá fui encaminhado para essa bendita casa, que me acolheu de braços abertos. Hoje, não bebo mais, pois tomei consciência de que sou um doente alcoólatra. Ficaram as sequelas em meu corpo, mas sei que não posso ingerir o fatídico primeiro gole, pois, se assim o fizer, estarei voltando ao vício. Hoje, eu não bebo, amanhã a Deus pertence. Vinte e quatro horas de sobriedade a todos.

Se não fosse a força do DESA, não sei se suportaria o que tenho passado com meu marido. Mas nesse grupo, aprendi também a ter fé no futuro, aprendi que o amor suplanta tudo.

IX

Passaram-se alguns anos. Nossa filha, com 15 anos, cada vez mais linda, cursando o Ensino Médio. Foram anos muito difíceis, enfrentando os porres de meu marido, as dificuldades no lar, mas continuei frequentando o DESA e sempre que podia levava minha filha às reuniões. Foi lá que ela aprendeu que seu pai era um doente alcoólatra. Por meio das reuniões, Sara adquiriu segurança emocional para entender seu pai e juntas tentamos ajudá-lo. Infelizmente a situação de Fabrício nada mudou. Continuava bebendo, cada vez mais.

Internava no hospital da cidade diversas vezes para desintoxicação, mas, quando saía, ele voltava a beber. Desde que saiu do banco não consegue emprego. Infelizmente, ninguém confia mais nele. Tornou-se um escravo do álcool. Vivíamos com os salgadinhos que eu fazia para vender e com a ajuda de meus pais que nunca nos desampararam.

Certo dia, estava em casa, preparando os meus salgadinhos, quando recebi um telefo-

nema do hospital dizendo que Fabrício tinha sido internado novamente. Corri para lá e fui recebida pelo Dr. Sergio, médico que sempre o atendia, que me disse que a situação de Fabrício era muito grave, pois seu organismo estava muito debilitado, tendo contraído uma pneumonia e, por isso, precisava ficar internado para tratamento.

Ao entrar no quarto, deparei-me com uma cena muito triste. Meu marido estava ligado a aparelhos para que pudesse respirar. Fiquei ali ao seu lado e, seguindo as orientações que tinha recebido no DESA, comecei a orar, pedindo a Jesus que ajudasse meu Fabrício e fiquei ali, ao lado de sua cama, várias horas, em meditação.

A noite foi muito longa. Enfermeiras de plantão ministravam remédios a cada hora, seguindo as orientações do Dr. Sérgio. No outro dia, pela manhã, Fabrício começou a balbuciar algumas palavras incompreensíveis, estava ainda com muita febre, se debatia muito na cama. Foi quando o Dr. Sérgio chegou para vê-lo e, examinando-o, disse-me que ele estava convulsionando em razão da febre alta. Prescreveu alguns remédios e nos

deixou, falando algumas palavras de alento. Nesse momento, papai, mamãe e nossa filha chegaram ao hospital para obterem notícias. Tentei tranquilizá-los, dizendo que Fabrício havia melhorado. Sara queria vê-lo de qualquer forma, mas eu disse que ele estava dormindo e que mais tarde todos poderiam visitá-lo, inclusive seus pais, também presentes.

Aqueles dias foram muito difíceis para mim, pois Fabrício continuava a ter convulsões, delírios, ora falando coisas sem nexos, ora gritando. Febre alta, calafrios. No quinto dia de internação, eu estava cochilando na cama ao lado, e acordei com Fabrício me chamando, pedindo água. Devia ser umas seis horas da manhã.

Emocionada com a cena, mais que depressa, fui até o seu leito e, em prantos, abracei-o feliz por vê-lo melhor, dei-lhe o copo de água e ele, com muita dificuldade, sorriu para mim e adormeceu novamente.

Por volta das sete horas, o Dr. Sérgio veio vê-lo e eu, ansiosa, contei o ocorrido. Ele, então, depois de examiná-lo, informou

que a febre havia baixado e que seu quadro clínico havia melhorado.

Dr. Sérgio disse que aguardaríamos mais alguns dias para ver se ele reagiria aos medicamentos. Se tudo corresse bem, poderia lhe dar alta logo, contanto que Fabrício continuasse o tratamento em casa, com total resguardo.

Naquele dia minhas esperanças se reforçaram e, em prece, agradei a Deus pela melhora de meu marido, e logo depois comuniquei a toda família a boa notícia. Fabrício continuava melhorando. Certa manhã, ele pediu para ver a nossa filhinha Sara, pois estava com muita saudade. Liguei imediatamente para minha mãe, pedindo que viesse até o hospital e trouxesse Sara, pois o pai queria vê-la.

Foi um reencontro emocionante. Fabrício abraçou a filha e ficaram muito tempo conversando. Em dado momento, chamou-me e disse:

— Querida Regina, eu não quero sofrer mais, preciso de sua ajuda, pois estou decidido a não voltar mais a beber. Ajude-me.

Foi uma cena inesquecível. Nós nos abraçamos: — pai, mãe e filha — e fizemos um voto de nos ajudarmos, reconstruindo o nosso lar.

Naquele mesmo dia Fabrício teve alta do hospital e voltamos para casa com as recomendações do Dr. Sérgio, dizendo-lhe que não poderia voltar a beber, pois seu organismo estava muito fraco e poderia ser fatal. Começávamos nova vida.

Foi quando aproveitei aquele momento propício e, pedindo ajuda aos mentores espirituais, como havia aprendido no DESA, contei a Fabrício que, tempos atrás, conheci uma casa bendita que me ajudou a compreender a situação em que vivíamos. Falei do grupo de apoio, da fluidoterapia, da espelhoterapia, das mensagens evangélicas que nos traziam a cada reunião, das inúmeras pessoas que estavam em recuperação. Falei, também, do Sr. Humberto, coordenador do grupo, homem com muita experiência em lidar com alcoolismo e que poderia ajudá-lo muito.

Foi, então, que aconteceu o grande milagre, se assim posso chamar. Fabrício concordou em conhecer aquela casa, dizendo que

ele já havia sofrido muito com o álcool e se aquela casa era tudo aquilo que eu havia dito, e que já havia recuperado muitas pessoas, ele queria conhecê-la.

Assim, com uma força renovadora dentro de nós, comunicamos nossa filha que na próxima reunião do DESA, nós iríamos. Sara ficou felicíssima e, num abraço fraterno, selamos nosso intento. Feliz com a aceitação de meu marido, corri ligar para minha querida amiga Lourdes, contando-lhe as novidades. Combinamos que eu, Fabrício, Sara e Lourdes iríamos juntos à próxima reunião.

Foi assim que, no dia 10 de outubro de 1990, numa quinta-feira, mais precisamente às 19h30minutos, estávamos chegando à reunião do DESA.

A casa, como sempre, estava lotada. Prontamente fomos recebidos pelo Sr. Humberto que deu um abraço fraterno em Fabrício e depois, gentilmente, apresentou meu marido aos demais companheiros do grupo, pedindo que aguardássemos mais alguns minutos, pois a reunião logo iniciaria. Às 20 horas, em ponto, como de costume, o Sr. Humberto deu início à reunião, proferindo

uma linda prece. Depois saudou a todos em nome de Jesus e disse que a pessoa que estivesse chegando àquela casa, pela primeira vez, era a pessoa mais importante da reunião. E assim dizendo, fez as explicações de praxe sobre o procedimento da reunião, passando, a seguir, a palavra a uma tarefeira da casa, D^a. Stella, para que fizesse a mensagem evangélica. Fabrício escutava tudo, não perdendo nenhuma palavra.

Foi, então, que a tarefeira, iniciando sua fala, nos saudou em nome de Jesus e nos trouxe um tema evangélico muito oportuno: O perdão das Ofensas. Assim que terminou sua explanação, o Sr. Humberto retomou a palavra e anunciou que seriam ministrados os passes, dizendo, como sempre, que não era obrigatório. Nesse momento, aproveitei a deixa e expliquei ao Fabrício que o passe era muito bom para qualquer pessoa, pois é o procedimento de transmissão de energias espirituais (fluidos), harmonizando tanto o físico como o espiritual. Se ele quisesse receber o passe, era só acompanhar a tarefeira, quando fosse convidado, e ela o encaminharia à sala de passes.

Humberto, então, aproveitando aquele espaço de tempo em que eram ministrados os passes, começou a falar:

– O alcoolismo, esta chaga da humanidade, vem destruindo lares, famílias inteiras. Fala-se muito em drogas: cocaína, crack, maconha, barbitúricos, anfetaminas, mas a sociedade hipócrita procura não colocar o álcool como droga, pois é conveniente a ela. Todas as festas da sociedade são regadas a muito álcool. Quando arguimos alguma pessoa, dizendo que ela está bebendo muito, ela argumenta que está *bebendo socialmente*. Mas o que é beber socialmente? O beber social de um é diferente do beber social do outro. Se nós fizermos uma enquete aqui, neste momento, verificaremos que o beber social de cada um difere na quantidade. Para alguns, o beber socialmente é uma cerveja; para outros, podemos verificar que é meia dúzia. Assim, podemos constatar que não existe o beber socialmente. Para nós, que trabalhamos com grupos de apoio, alcoólatra é aquele que faz uso do álcool, o que difere um do outro é o grau etílico de cada um.

Nesse momento, o Senhor Humberto foi interrompido por um tarefeiro da casa, avisando-o de que os passes já haviam terminado. Assim sendo, Humberto teceu mais alguns comentários sobre o alcoolismo e terminou sua fala, anunciando a terceira parte da reunião, chamando o Sr. Sabino que coordenaria a Terapia de Grupo.

Como de costume, ele se apresentou aos presentes e deu seu depoimento, como sempre, muito marcante. Posteriormente, chamou mais alguns assistidos do grupo para fazer os seus depoimentos. Cada qual com uma história mais triste que a outra. Finalmente, depois de termos ouvido vários depoimentos, ele falou à plateia presente que aquele momento da reunião era muito importante, pois abriria um espaço para que aquele que quisesse dar seu *Voto de Abstinência* pudesse se manifestar.

Foi nesse momento que Fabrício levantou sua mão e indagou se podia dar seu voto. Sabino, com olhar compreensivo, solicitou que viesse até a frente.

Naquele momento eu estava pasma com a situação. Meu marido estava se dirigindo à

frente da tribuna para dar o seu testemunho, seu voto, como era habitual, aos assistidos do grupo. Com a voz embargada, Fabrício começou a falar:

— Meu nome é Fabrício, estou com 43 anos de idade, bebo desde meus dezoito anos. Tenho feito minha esposa, minha filha e, especialmente a mim, sofrer muito com o álcool, pois até pouco tempo fui um escravo dele. Comecei a beber nas festinhas, *socialmente*, mas como eu não sabia que era um compulsivo pelo álcool, fui aumentando minhas doses. Fiz muitas besteiras na minha vida. Fiz meus pais sofrerem muito. Eu tinha um emprego muito bom no banco de nossa cidade, mas por causa do álcool, fui despedido. Cheguei a agredir a minha querida esposa. Minha filha, que está aqui presente, tinha medo de mim. Fui internado no hospital de nossa cidade várias vezes, mas sempre que saía voltava a beber, pois não tinha noção do meu estado. Gostaria, nesse momento, de pedir, publicamente, desculpas à minha esposa e minha filha por tudo que eu as fiz sofrer. Nesta noite, ouvindo os esclarecimentos do Sr. Humberto, e os depoimentos que,

diga-se de passagem, parecia que falavam para mim, começo a entender que sou um doente alcoólatra. Peço a Deus que me dê forças para me afastar deste vício maldito e que nunca mais ingira uma só gota de álcool. Quero agradecer a esta casa, ao DESA, por terem me propiciado este momento feliz de minha vida. Desejo ainda vinte quatro horas de sobriedade a todos, principalmente a mim.

Eu não me continha de felicidade. Levantei-me e fui até ele abraçá-lo, juntamente com Sara. Todos os presentes aplaudiam aquela cena comovente.

Retomando a palavra, o Sr. Sabino, muito emocionado, teceu alguns comentários, dando muita força moral a Fabrício e, em seguida passou a palavra ao Sr. Humberto, que, dirigindo-se ao meu marido, disse:

— Prezado irmão, hoje você está levantando uma bandeira contra o alcoolismo e nós do DESA estamos juntos nesta jornada, que não será fácil, mas não impossível. Firme-se em seus propósitos, pois você não está sozinho. Tenho certeza de que os mentores enviados de Jesus também nos auxilia-

rão nesta seara. Agradeça muito a sua esposa, que há muitos anos frequenta esta casa, sempre com muita fé e certa de que um dia você viria para o nosso grupo, fato este que ocorreu hoje. Assim dizendo, solicitou a todos que fizessem uma prece de agradecimento a Deus por aquele momento sublime e deu por encerrada a reunião.

Aquela foi uma noite memorável. Estávamos todos muito felizes com o ocorrido e, juntos com Lourdes, que também partilhava de nossa alegria, fomos para casa comemorar. Lá chegando, servi uma mesa com chá e torradas para todos.

Lourdes, após tomar o chá conosco, despediu-se, deixando palavras de conforto e força a Fabrício, que lhe agradeceu. Naquela noite, após Sara ter ido se deitar, eu e Fabrício ficamos ainda na sala conversando muito sobre o nosso futuro. Ele disse que tudo iria mudar, pois ele estava convicto de sua situação e faria de tudo para mudar seus hábitos e caso não o fizesse, cairia novamente no vício. Assim, reformulamos nossas expectativas para o futuro, seladas com um longo

beijo. A seguir, em nosso quarto, nos entregamos ao amor.

No outro dia, levantei-me bem cedo. Meu coração transbordava de alegria. Fabrício ainda dormia. Tomei o meu banho e fui preparar a mesa para nosso café da manhã. Sara se levantou e veio tomar o café, perguntando pelo pai. Notava-se no rosto dela os traços de alegria e felicidade. Respondi-lhe que seu pai ainda dormia, recomendando a ela que não o acordasse. Acompanhou-me no café, deu-me um longo abraço, um beijo, e foi para o colégio. Naquela semana, Fabrício permaneceu tranquilo.

X

Na quinta-feira, dia da reunião do grupo do DESA, meu marido havia saído cedo, dizendo-me que iria procurar trabalho. Já eram 19 horas, e ele não chegara. Preocupada, liguei para minha confidente Lourdes, que nos esperava para irmos à reunião, contando-lhe o que estava ocorrendo. De repente, ouço o portão bater. Era Fabrício que entrava em casa. Ao recebê-lo à porta, notei, com muita tristeza, que ele havia bebido. Perguntei-lhe se ia à reunião. Ele me respondeu, bruscamente, que não estava se sentindo muito bem e que não estava em condições de ir. Questionei-o se havia bebido e ele me respondeu que tomara apenas um aperitivo para o jantar. Tornei a retrucar dizendo: — mas e o seu compromisso de não beber mais? Ele me respondeu que era só um aperitivo e que isso não iria lhe fazer mal. Sentindo a gravidade do momento, peguei uma blusa e disse a ele que eu não faltaria nunca à reunião e o deixei falando sozinho.

Chegando à casa de Lourdes, desabafei-me com ela, chorando muito. Ela então me confortou. Disse-me que na reunião iríamos encontrar o alento necessário. No trajeto da casa da Lourdes até a casa espírita, ela procurou me acalmar com palavras de carinho e conforto. Chegamos em cima da hora para a reunião, e o Sr. Humberto logo notou que Fabrício não tinha vindo conosco. Perguntou-me porque ele não viera, comecei a chorar desesperadamente, contando o que acontecera. Ele, sensibilizado, disse que não era para eu me sentir decepcionada. — Cada um de nós tem seu livre arbítrio. O plantio é livre, a colheita é obrigatória. Você, minha irmã, tem feito a sua parte. Ele tem que fazer a parte dele.

Assim dizendo, convidou-me para sentar, pois a reunião já iria começar.

A prece feita pelo Sr. Humberto me fez acalmar um pouco. Depois ele passou a palavra a uma tarefeira da casa que nos trouxe um tema evangélico belíssimo: *Fazer aos outros o que quereis que os outros vos façam*. De posse da palavra novamente, o seu

Humberto, aproveitando o momento dos passes, nos disse:

— Não temos boas notícias hoje, pois o nosso Fabrício, aquele irmão, que fez o voto de abstinência na semana passada, não conseguiu o seu intento e caiu novamente, voltando a beber.

E continuou sua explanação:

— Nós vivemos em sintonia. Sintonizamos com coisas boas e atraímos coisas boas. Sintonizamos com coisas ruins e atraímos coisas ruins para nós. Gostaria, nessa noite, de passar um novo conceito aos presentes sobre o alcoolismo. Supondo-se que um alcoólatra que bebe há mais de vinte anos e, em certo momento de sua vida o seu organismo não aguenta mais e ele morre. Eu pergunto a vocês, ele vai para o Céu ou para o Inferno?

Nesse momento, alguns dos presentes opinaram. Uns achavam que iria para o Céu e outros para o Inferno. Foi quando o Sr. Humberto retomou a palavra e respondeu:

— Nem para o Céu, nem para o Inferno. Ele vai para o *boteco*, pois quem morre é o corpo. O Espírito continua vivendo com todas

as suas necessidades, inclusive com vontade de beber, pois é o Espírito que está doente, é o Espírito que precisa de tratamento. André Luiz, um dos mentores do nosso querido Chico Xavier, nos diz que, para cada alcoólatra que está bebendo em um bar, existe em média de quatro a quinze Espíritos bebendo com ele. Daí, meus queridos, a grande dificuldade que nossos irmãos têm em deixar o vício. Quando um irmão nosso, encarnado, vem para a nossa reunião, enquanto está sendo tratado no plano material, os nossos irmãos desencarnados estão sendo tratados no plano espiritual. Se o nosso assistido persiste em seu intento de frequentar nossas reuniões, ele acaba por se libertar desses Espíritos, passando a refletir de modo mais livre sobre o seu problema, conseguindo, assim, em conjunto com a evangelização, a fluidoterapia e a terapia de grupo, se libertar do vício.

Assim o Sr. Humberto deu por encerrada sua fala naquela noite. A reunião continuou com a palavra do Sr. Sabino, que enalteceu os comentários do Sr. Humberto e, como naquela noite não havia ninguém para dar

seu depoimento, passou a palavra novamente ao Sr. Humberto, que fez a prece de encerramento.

A reunião daquela noite tinha sido muito importante para mim, pois eu tinha conhecido um pouco mais sobre os problemas do alcoolismo. Despedimo-nos dos presentes, renovando votos de muita força a todos para que pudéssemos estar à reunião na próxima semana.

Passados alguns meses, meu marido, infelizmente, estava cada vez mais envolvido com a bebida. Chegava quase todo dia alcoolizado. Muitas vezes eu e minha filha o colocávamos para dentro de casa, dávamos-lhe banho e o trocávamos, e também o colocávamos em sua cama, pois o estado de embriaguez era tal que ele acabava dormindo na soleira da porta.

Certo dia Fabrício saiu cedo de casa. Já era noite e ele ainda não havia chegado. Esperei até tarde, mas acabei adormecendo no sofá da sala.

De madrugada, acordei preocupada, pois ele ainda não chegara. Liguei para a polícia, contando-lhes o ocorrido. Como todos o co-

nheciam bem, ficaram de dar uma busca pela cidade e me informariam sobre qualquer novidade. Temerosa, liguei para meus pais e os meus sogros, informando-lhes o fato. Passei aquela noite em claro, esperando notícias de meu marido. Nada disse à minha filha para que não a preocupasse.

Pela manhã recebi um telefonema da delegacia dizendo que, infelizmente, não o haviam encontrado, mas que as buscas continuavam inclusive as cidades vizinhas foram comunicadas e, quaisquer novidades, seríamos informadas.

A grande verdade é que Fabrício havia desaparecido.

Eu continuava frequentando o grupo de apoio, buscando forças para enfrentar o problema. Sara também me acompanhava, pois já tinha tomado conhecimento da situação de seu pai.

Numa das reuniões do grupo, o Sr. Humberto explicou que era para eu manter a minha fé e, me reconfortando, disse também:

— Os alcoólatras, muitas vezes, abandonam seus lares, por vários motivos, tais como: vergonha, insegurança, revolta por não

ser compreendido. Continuemos orando, pedindo ao Plano Maior que o ampare, onde ele estiver.

XI

Passaram-se três anos, desde o desaparecimento de Fabrício. Nossa vida, minha e de minha filha, estava muito difícil. Papai nos ajudava como podia. Eu continuava a fazer salgadinhos para vender. Sara continuava seus estudos e havia arrumado um emprego numa loja da cidade. Neste período, na casa espírita que frequentávamos, fui convidada a fazer parte de um grupo de estudo da doutrina e participar como tarefeira no DESA, ajudando nas reuniões. Tive, então, a oportunidade de conhecer melhor a doutrina espírita, o que me deu condições de entender um pouco mais sobre a vida e sobre a espiritualidade. Aprendi muito sobre o alcoolismo, suas mazelas, suas nuances e entendi que ele é uma doença do Espírito, e não do corpo. O Espírito é que está doente e, por consequência, se reflete no corpo. Benditos sejam os grupos de apoio, independentemente de religião, pois existem espíritas, católicos, evangélicos que são doentes alcoólatras e preci-

sam ser tratados, necessitando de muito amor e respeito.

Certa manhã, havia-me levantado cedo. Sara já havia saído para o serviço e eu estava me preparando para fazer meus salgadinhos quando tocou o telefone. Ao atendê-lo, uma pessoa se identificou como Sr. Geraldo, administrador de uma instituição de caridade da cidade de Tupã-Sp, intitulada AAPEHOSP - Associação dos Amigos de Pacientes Egressos dos Hospitais Psiquiátricos, que trabalhava no socorro de alcoólatras, andarilhos, psicóticos, perguntando-me se conhecia um senhor de nome Fabrício Gomes. Naquele momento minhas pernas bambearam e quase caí, mas buscando todas as minhas forças, equilibrei-me e lhe respondi, quase sem voz: "Sim, é o meu marido". Ele explicou-me que Fabrício estava internado em sua instituição e, infelizmente, seu estado era muito crítico. Explicou-me, ainda, que ele tinha sido recolhido pela instituição numa das praças da cidade, num estado deplorável, muito doente, com cirrose hepática e pneumonia havia alguns dias. E dando mais detalhes disse-me que, ao mexer em um saco que trazia consigo, en-

controu alguns objetos pessoais. Junto deles um cartão com número de telefone com o qual pôde entrar em contato comigo.

Ainda muito nervosa com a notícia, consegui pegar o endereço e o telefone da instituição e me comprometi que logo mais ligaria para combinar o que fazer com o meu marido. Agradei imensamente a gentileza do Sr. Geraldo e desliguei o telefone. Não sei quanto tempo fiquei ali parada, em frente ao telefone, sem saber o que fazer. Decidi ligar para os meus pais contando do telefonema. Avisei também meus sogros e lhes disse que, assim que tivesse alguma solução, os informaria. Comuniquei o fato à minha filha que estava no serviço, tranquilizando-a, e avisei que tomaria todas as providências possíveis para ajudar o seu pai.

Passado o impacto inicial, reunimo-nos em casa, meus pais e os pais de Fabrício, e decidimos ir a Tupã, para ver a possibilidade de removermos Fabrício para nossa cidade.

Assim procedendo, ligamos para o seu Geraldo e combinamos que, no dia seguinte, seguiríamos para Tupã, devendo chegar à instituição mais ou menos às 9 horas. Che-

gamos à cidade de Tupã, às 08h30 minutos. Diga-se de passagem, uma estância turística muito linda e hospitaleira.

Paramos num posto de combustível, numa avenida chamada Tamoios, e perguntamos ao frentista o endereço da instituição, que prontamente nos indicou, com muita gentileza, dizendo que era próximo de onde estávamos.

Ao chegarmos à instituição, fomos recebidos pelo Sr. Geraldo que, educadamente, nos levou até a administração da instituição, colocando-nos a par de tudo que vinha ocorrendo com Fabrício.

Contou-nos que ele fora encontrado em uma praça da cidade, que fica defronte à Instituição, deitado em um dos bancos, num estado de saúde deplorável, totalmente alcoolizado, e que foi recolhido por um de seus enfermeiros. Em seguida, nos levou até uma enfermaria, onde ele se encontrava. O quadro que víamos era muito triste. Fabrício estava magro, tinha envelhecido muito, apresentava dificuldade para respirar, sendo auxiliado, naquele momento, por uma máscara de oxigênio.

Precisamos, naquele momento, amparar minha sogra, que não suportou ver o seu filho naquele estado. Depois de nos recompor-mos, fomos recebidos pelo médico da instituição. Ele nos informou que o quadro clínico de Fabrício era muito grave e, infelizmente, ele não tinha muitos dias de vida. Compreendendo a gravidade do caso, solicitamos ao médico a autorização para que pudessemos removê-lo para o hospital de nossa cidade.

Depois de algumas recomendações quanto à remoção, ele nos forneceu um laudo médico para ser apresentado ao médico do hospital e liberou sua transferência. Tomamos algumas providências de praxe e, com ajuda da AAPEHOSP, que nos cedeu a ambulância, pagamos o combustível e as despesas de viagem do motorista.

Assim, no dia 15 de julho de 1993, Fabrício dava entrada na UTI do hospital. Foram dias muito difíceis aqueles. As visitas estavam restritas e somente eu, minha filha e seus pais, podíamos vê-lo, mas nunca nos falamos, pois ele se encontrava em coma. Os

irmãos do DESA mantinham-se em preces constantes.

Minha querida amiga Lourdes estava sempre comigo, dando-me muita força moral e, depois de uma semana de muito sofrimento, Fabrício veio a desencarnar, precisamente às 20h30 minutos do dia 23 de julho de 1993, um sábado, tendo como *causa mortis* insuficiência respiratória proveniente de complicações pulmonares devido à pneumonia aspirativa muito comum em alcoólatras. Foi detectado também avançado grau de cirrose, que já havia comprometido todo o seu fígado.

Seu corpo foi velado no velório municipal onde nossos familiares receberam condolências de toda a sociedade, pois Fabrício, embora alcoólatra, era muito querido por todos.

Alguns meses se passaram desde o ocorrido. Aqueles dias tinham sido muito difíceis para mim. Uma tristeza muito grande se apoderou do meu ser. Embora tenha lutado com todas as minhas forças para recuperar o meu marido, não alcancei meu objetivo. Mas, graças ao DESA, que continuava a frequentar, consegui equilibrar-me novamente.

Minha vida estava retomando o seu ritmo. Minha filha, agora com 18 anos, estava namorando um jovem rapaz que ela havia conhecido na casa espírita que frequentávamos. Nós havíamos nos mudado para a casa do papai que fez questão de nos acolher em seu lar, dando-nos todo apoio moral e financeiro.

Todas as segundas, quintas e sextas-feiras, eu continuava a frequentar a Casa espírita Francisco Candido Xavier, onde, às segundas-feiras, participava do culto do Evangelho e dos passes. Às quintas-feiras, participava do trabalho de socorro aos alcoólatras no DESA e às sextas-feiras, participava de um trabalho de desenvolvimento mediúnico coordenado pelo Senhor Humberto.

Em uma das reuniões da sexta-feira, sempre no final, fazíamos uma avaliação do que havia ocorrido na reunião. Eram lidas mensagens psicografadas, quando havia, e naquela noite D^a. Luiza, médium de ilibada moral e de total confiança do grupo, disse-me que havia uma mensagem para mim e, com a anuência de todos os presentes, passou a ler:

— *Querida Re. Em primeiro lugar, quero lhe pedir perdão, por tudo que lhe fiz sofrer.*

Hoje, me foi permitido pelo Plano Maior que viesse até esta casa bendita para lhe trazer esta mensagem. Estou ainda em tratamento, aqui no plano espiritual, mas me sinto muito melhor, e tenho sido muito ajudado pelas vibrações de carinho e amor que vocês me enviam todas as semanas, em suas preces. Somente agora tomei consciência do meu estado espiritual. Aqui me disseram que sou um suicida, pois joguei fora minha vida, envolvido pelo álcool. No plano espiritual, existe um grande hospital de recuperação de alcoólatras e drogados, onde estou em tratamento. Me disseram que, assim que eu estiver em condições, vou ser levado todas as quintas-feiras, juntamente com outros alcoólicos, para participar da reunião do DESA, para que nos reforçemos no intuito de nos libertarmos deste vício. Quero mandar um beijo e um abraço à minha querida Sara e que ela possa me perdoar também. Aos meus queridos pais e aos meus sogros, mandolhes um forte abraço. Te amo muito e, um dia, se for permitido por Deus, nos reencontraremos. Quero deixar aos assistidos do DESA uma mensagem: Que eles tenham muita fé e se apeguem aos

ensinamentos do DESA, pois só através da conscientização conseguirão se libertar. Continue na sua tarefa bendita de ajudar os alcoólatras. Que Deus nos dê forças a todos para vencermos esta batalha contra o alcoolismo. Com muito respeito a todos, Fabrício. 28 de outubro de 1994.

(Detalhe: “Re” era o jeito carinhoso com que Fabrício chamava Regina.)

O silêncio era total na sala. Alguns dos presentes choravam de emoção. D^a. Luiza, gentilmente, cedeu-me o manuscrito, para que eu guardasse de lembrança. O Sr. Humberto, de posse da palavra, comentou:

— Bendita Doutrina dos Espíritos que nos dá condição de entender que o Espírito é eterno e que tanto no plano espiritual, como no material, está sempre em aprendizado.

E assim falando, convidou a todos que o acompanhassem na prece final.

EPÍLOGO

Esta é minha história. Fiz questão de contar-lhes para alertá-los dos problemas que o álcool traz a uma família.

O álcool adentra pela porta da frente de nossa casa e a felicidade sai pela porta dos fundos. O álcool e a felicidade não convivem debaixo do mesmo teto. Quantas famílias dizimadas, quantas tragédias em função do álcool.

Homens como meu marido, que conheci jovem, bonito, vigoroso, se tornam um molambo na mão deste vício terrível. Escravizados, perdem totalmente sua identidade, seu caráter, vivendo como zumbis, perambulando pelas amarguras da vida, até que seu físico não aguenta mais, e seja ceifado pela morte (desencarnam), em situações quase sempre deploráveis.

Aprendi, na bendita casa Francisco Candido Xavier, que os Espíritos influenciam sobremaneira os alcoólatras. É que esses Espíritos, alcoólatras desencarnados, precisam *beber*, pois o que morre é o corpo, o Espírito

continua a viver com as mesmas necessidades que tinha antes.

Foi no DESA que descobri que meu marido era um alcoólatra. Embora ele não tenha se recuperado, nesta encarnação, por não ter conseguido se libertar deste vício maldito, eu tomei consciência de que também sou um Espírito em evolução e, com os conhecimentos adquiridos por meio da doutrina dos Espíritos, hoje procuro ajudar meus irmãos que se encontram ainda sob o domínio do alcoolismo. Assim fazendo, estarei me ajudando e ajudando o meu marido, em espírito.

Em uma de nossas reuniões, o nosso querido Humberto nos disse:

— Com a ajuda do plano espiritual maior, futuramente, erradicaremos o alcoolismo da face da Terra.

Hoje, tenho consciência de que faço parte deste grupo de pequenos tarefeiros do Cristo que lutam com todas as forças para que esse intento seja alcançado.

Regina.

CONTRIBUIÇÃO DA DOCTRINA ESPÍRITA PARA O TRATAMENTO DOS ALCOÓLATRAS

Na questão 459 de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec pergunta: Os Espíritos influem sobre nossos pensamentos e ações?

– A esse respeito, sua influência é maior do que podeis imaginar. Muitas vezes são eles que vos dirigem.

Em nosso primeiro livro *Alcoolismo*, "Cura", através da conscientização⁽¹⁾, tecemos alguns comentários sobre a obsessão, sobre a qual transcrevemos o texto abaixo.

Entendemos que irá contribuir para o entendimento da problemática do alcoolismo e da história contada neste livro, do ponto de vista da Doutrina Espírita.

Nós vivemos em sintonia. Se pensamos coisas boas, atraímos coisas boas para nós; se pensamos coisas ruins, atraímos coisas ruins; é o eterno plantar e colher; plantamos

⁽¹⁾ O livro citado pode ser lido ou baixado gratuitamente clicando-se neste link: <http://goo.gl/FzRdc8>

rosas, colheremos rosas; plantamos urtigas, colheremos urtigas em nossas vidas.

Um músico, por exemplo, procura companhia de outros músicos para trocar experiências, assim como um médico procura profissionais de sua área para poder também trocar experiências. O alcoólatra e o drogado não podiam fugir à regra: eles procuram companheiros que usam o álcool e drogas para se locupletarem, atraindo para si tanto os encarnados quanto os desencarnados.

A obsessão se dá nos dois planos, pois os alcoólatras e os drogados estão nos dois planos: o alcoólatra quando morre (desencarna), continua bebendo, ou seja, continua procurando, através da sintonia, outros companheiros que bebem. Assim o desencarnado suga as emanções fluídicas da bebida alcoólica que o encarnado esteja bebendo.

Tomamos o nosso já conhecido *Bocaça*, citado em nosso primeiro livro, como exemplo para melhor entendermos o assunto: vamos acompanhá-lo em um dia de sua vida, como alcoólatra. Nosso querido irmão levanta cedo e, antes mesmo de tomar o seu café, toma a sua primeira dose, e sai ansioso para

a rua, mesmo sem tomar o seu café da manhã. Nosso companheiro trabalha na construção civil e, mesmo antes de iniciar seu trabalho, passa no bar do *Zé*, para tomar mais uma. Acontece que o bar está cheio de irmãozinhos, desencarnados, esperando seus *copos vivos* – os alcoólatras encarnados –, como diz André Luiz, Espírito que escreveu, através de Francisco Cândido Xavier, uma série de livros, entre eles *Nosso Lar* e, ao entrar em contato com estes Espíritos através da sintonia, se liga ao irmãozinho, ou aos irmãozinhos, pois afirmam nossos queridos mentores em diversas obras espíritas que, para cada alcoólatra encarnado, há, pelo menos, uns cinco desencarnados.

Pois bem, nosso *Bocaça* já não está mais sozinho e começa sua peregrinação indo ao seu serviço, onde nada dá certo pois sua mente está no bar. Seus companheiros estão sedentos, precisando de Álcool e nosso irmão não faz nada certo, tendo pouco rendimento. Quase sempre é dispensado do emprego porque os patrões acabam não confiando em seu serviço.

De volta ao seu lar, passa por diversos bares, dando sequência a sua peregrinação. Ao chegar em casa, o primeiro que apanha é o cachorro, pois é o que está no portão, os filhos correm para se esconder, porque o bêbado chegou. Briga com a esposa, quebra utensílios domésticos e, depois de ter bagunçado, atormentado a todos, vai dormir, não é bem dormir, pois o alcoólatra não dorme, mas desmaia. Ao acordar de manhã, bate o arrependimento alcoolista, quando promete tudo à esposa, inclusive que nunca mais vai beber. Mas, momento depois, esquece tudo e sua peregrinação começa outra vez.

Queridos irmãos, a obsessão é um capítulo muito importante dentro do estudo do Alcoolismo, pois nos leva a entender o relacionamento dos desencarnados com os encarnados. Não é nossa intenção trazer nenhum tratado sobre o assunto, mas, para aqueles que quiserem se aprofundar no assunto, citamos alguns livros para pesquisas: *O Livro dos Médiuns*, do nosso codificador, Allan Kardec, bem como podemos citar outras obras complementares como: *Obsessão e desobsessão*, de Suely Caldas Schubert; *Lou-*

cura e obsessão e Painéis da obsessão, ditados pelo Espírito de Manoel Philomeno de Miranda ao médium Divaldo Pereira Franco, um dos expoentes da Doutrina Espírita no mundo.

Quando um irmãozinho nosso (alcoólatra) é trazido para um de nossos grupos, nas casas espíritas, normalmente, ele chega acompanhado pelos seus amigos espirituais, citados acima em nosso esclarecimento preliminar.

No decorrer das reuniões, onde são ministradas a Evangelização, a Fluidoterapia ou passe espiritual, como é mais conhecido na casa espírita e a Terapia de Grupo, nosso irmão começa a se libertar desse processo obsessivo, ao mesmo tempo em que nossos irmãos espirituais também estão sendo tratados no plano espiritual e também começam um processo de libertação, sendo levados a hospitais no plano espiritual, onde continuam seu tratamento, libertando-se assim, daqueles elos que os ligavam através da sintonia que é o *alcooolismo*.

Finalmente entendemos que, se os seres, tanto encarnados como desencarnados, en-

trarem num processo de conscientização, eles estarão se libertando deste vício terrível que é o alcoolismo. Em nosso primeiro livro, *Alcoolismo, "Cura", através da conscientização*, os leitores encontrarão vasto material de estudo e reflexão, bem como nas obras espíritas.

Muita paz.

O Autor

APÊNDICE

Alguns dados sobre a AAPEHOSP

A AAPEHOSP conta hoje com uma sede e três unidades de trabalhos, a saber:

- A Entidade está sediada na Casa da Prece Chico Xavier, situada na Avenida Tabajaras, 575 – centro – Tupã – (SP), onde funciona a parte administrativa da instituição e, no decorrer da semana, desenvolve atividades evangélicas e doutrinárias, a saber:

Segunda-feira – MERA-Movimento Espírita de Recuperação da Auto Estima: Trata-se de um trabalho desenvolvido com os alcoólatras às 20 horas, portas abertas ao público em geral.

Quarta-feira – Reunião fraterna ao público em geral, às 20 horas, com palestras evangélicas e passes

Domingo – Reunião fraterna ao público em geral, às 16 horas, com palestras evangélicas e tratamento por meio dos passes.

Telefone: (14) 341723

- Casa do Caminho Maria de Nazareth – Av. Tapajós, 240 – centro – Tupã (SP), contando hoje com 52 internos, psicóticos agudos, onde recebem todo o apoio da instituição, desde acomodação, refeição, tratamento médico e psiquiátrico, com enfermeiros, assistentes sociais e funcionários, dando toda a retaguarda aos internos.

Telefone – (14) 34963955

- Condomínio popular Maria de Nazareth – Prolongamento da Alameda do Carmo, 725 – Parque Aliança – Tupã (SP), atendendo 68 pessoas, alcoólatras e drogadictos, também recebendo todo o amparo nos mesmos moldes da nossa unidade da Av. Tapajós, 240 citada acima.

Telefone – (14) 34916561

- Recanto Maria de Nazareth – Uma Chácara na zona rural com aproximadamente um alqueire de terra, situado na Rodovia Comandante João Ribeiro de Barros, Km 530 (+ou-), perto da Polícia Rodoviária, no lado esquerdo da pista no sentido Tupã a Universo, município de Tupã. Nesta unidade, ficam os alcoólatras e drogadictos que já estão em condições de exercer alguma atividade. São

desenvolvidos trabalhos evangélicos e de laborterapia como o cultivo de mudas de orquídeas, suinocultura e outras atividades rurais. Aos domingos de manhã, tarefeiros da AAPEHOSP desenvolvem um trabalho denominado MERA – Movimento Espírita de Recuperação da Auto Estima, trazendo aos alcoólatras orientações, esclarecimentos sobre a problemática do alcoolismo, procurando lhes dar um novo direcionamento a sua vida futura.

Informações adicionais

DESAATT – Departamento de Socorro Ante Álcool Tabagista e Toxicômano. Funciona como um departamento do CEOS- Centro Espírita *Obreiros do Senhor*.

Rua General Craveiro Lopes, 195 – Rudge Ramos. São Bernardo do Campo – (SP) – 09740-630. Telefone – (11) 4362-0863

DESAT – Departamento de Socorro aos Alcoólatras de Tupã. Funciona como um departamento do Instituto de Assistência e Difusão Espírita.

Rua Assur Bitencourt, 879 – P. Bela Vista
- Tupã – (SP)

AAPEHOSP – Associação dos Amigos dos
Pacientes Egressos dos Hospitais Psiquiátri-
cos.

Av. Tabajaras, 575 – centro – Tupã (SP)
Telefone – (14) 34967235

Grupos espíritas de recuperação de alcoólatras em Tupã

DESAT – Departamento de socorro aos
Alcoólatras de Tupã

Funciona com um departamento do Insti-
tuto de Assistência e Difusão Espírita

Localizado na rua Assur Bitencourt, 879 –
P. Bela Vista-Tupã – (SP)

GEDAAI – Grupo Espírita de Recuperação
de alcoólatras Anjo Ismael

Endereço: Rua Tupis, 722 – centro – Tu-
pã – (SP)

MERA – Movimento Espírita de Recupera-
ção da Auto Estima

Endereço: Av. Tabajaras, 575 – centro –
Tupã (SP)

DARA – Departamento de Assistência e Recuperação de Alcoólatras

Endereço: Rua Antonio José Lemos, 45 – Vila Independência – Tupã (SP)

Dados do autor

Nome – Damião Borges Marins

Data de Nascimento – 15/02/1949

Formação – Técnico em Contabilidade, Administração de empresas, Fiscal de rendas municipais; casado, duas filhas.

Endereço – Rua Antonio Cabrera, 118 – Jardim Guarujá – Tupã – SP

CEP- 17605-231

Fone: (14) 3441-1267

Celular (14) 9704-9616

E-mail – dbmarins@ig.com.br